

FALO

ano VI . # 28



COLIN J. RADCLIFFE

ROBERT SIEGELMAN

PETER HUJAR

THIAGO MUNIZ

JOHANN WINCKELMANN

Sumário

COLIN J. RADCLIFFE 8

ROBERT SIEGELMAN 20

FALO DE HISTÓRIA
Peter Hujar 36

FALO em FOCO
Thiago Muniz / Meninos Que Vi 52

FALÓFORO 60

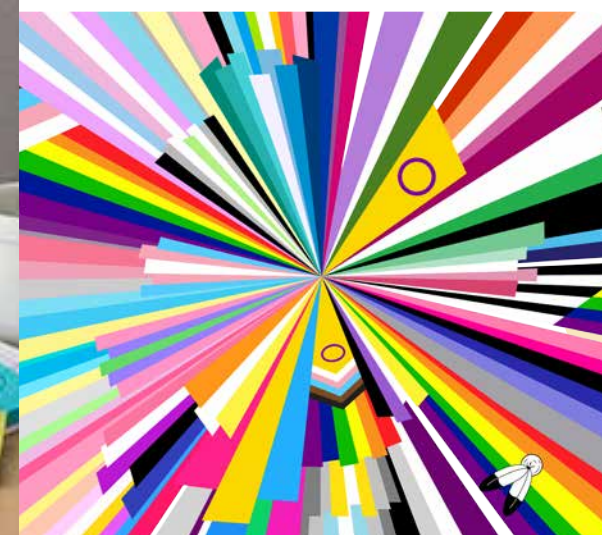
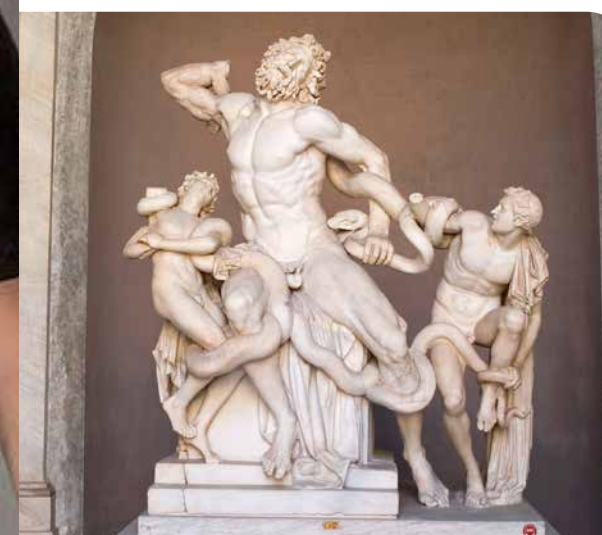
FALORRAGIA
O primeiro a falar 64

CONTOS DO FALO
O sentido do olfato 72

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor 74

FALO com VOCÊ 76

moNUmento 79



COMPRA AQUI

COLAB55

FALO® é uma publicação bimestral.
julho 2023.
ISSN 2675-018X
versão 20.07.23

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *O beijo*, escultura em cerâmica esmaltada de
Colin J. Radcliffe, 2023.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a
comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.
Todos os direitos estão reservados e, portanto,
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usa-
das nesta publicação tenham sido fornecidas pelos
criadores com permissão de direitos autorais ou
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no
protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato através do e-mail
falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma
possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato
através do e-mail falonart@gmail.com.

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro - RJ 22241-000



Editorial

Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina na Arte. Há, portanto, imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.



As comemorações para os 5 anos da Falo se intensificaram durante o mês de junho, Mês do Orgulho LGBTQIA+. Para marcar a efeméride, resolvi comemorar com a impressão da primeira edição que saiu em março de 2018 com novidades vindas dos artistas participantes e alguns extras. Também decidi aceitar a ideia de fazer uma exposição das capas (somente as que foram autorizadas pelos artistas) ao longo desses anos, que ocorreu na galeria Objectos do Olhar, junto à segunda edição da exposição *Além da Parada* – que eu fiz a curadoria no ano passado e voltei com força total para torná-la internacional e beneficente. Isso mesmo: além de quase 40 artistas do Brasil e do mundo, a exposição **Muito Além da Parada** fez doação para o *Centro de Acolhimento Especial para Homens Trans João Nery*.

Mas não pense que foi só isso: também no mês de junho levei a Falo Magazine para a **PocCon**, a Feira LGBTQIA+ de Quadrinhos e Artes Gráficas (que em 2022 levou o *Troféu HQ MIX* de Melhor Evento de Quadrinhos)! Eu sei que a revista não é uma HQ... então, convidei o

artista Rodrigo Kupfer para dividir a mesa comigo. Não vou falar muito sobre ele porque [SPOILER] ele estará na próxima edição!



Calma que ainda não acabou... Também fui jurado do 2º *Festival Vórtice de Arte Erótica* que apresentou obras incríveis – destaco a performance *Fuck Her*, de Ludmila Ramalho – e premiou dois artistas que foram capas da Falo: Fepe Camargo (Melhor Execução Técnica - Prêmio da Curadoria - edição 12) e Rafael Dambros (Melhor Artista Visual / Escolha do Público - edição 13). Vários outros artistas estiveram (ou estarão! Mais um spoiler!) na revista.

Isso tudo produzindo essa edição que você tem em mãos. Uma edição que traz escultura pela primeira vez na capa; que tem um fotógrafo que também desenha; que mais uma vez revela nomes pouco conhecidos do público em geral na História da Arte; que ainda traz contos, charges e quebra de paradigmas.

Foram tantas experiências novas, tantos desdobramentos... Hoje entendo este projeto de forma ampla. Sei que a Falo não é só uma revista: ela é um espaço seguro de conhecimento, compartilhamento e pertencimento. Ainda, ela também tem um limite. Apesar de gratuita, ela tem um custo. Para ir realmente além, será preciso refletir sobre o futuro e potencializar o que foi conquistado.

Há 5 anos você tem material de excelência em mãos. Pense nisso e valorize o trabalho entregue.

Boa leitura!

Filipe Chagas
criador e editor



Em comemoração
aos 5 anos da Falo...

... a primeira edição (março/2018)
foi **IMPRESSA** com
algumas novidades.



Tiragem única, limitada, assinada e numerada!

Mande e-mail para
falonart@gmail.com
e saiba como adquirí-la.

Colin J. Radcliffe

por Filipe Chagas



o mundo da Arte exige uma série de validações para que alguém seja considerado artista: certificação técnica, acadêmica, tempo de carreira, número de exposições, status comercial e por aí vai. **Colin J. Radcliffe**

nos lembra que, apesar de serem úteis, essas coisas não são realmente essenciais para fazer de alguém um artista. É só pensar na curta carreira autodidata de Van Gogh, por exemplo, que concordamos com a ideia deste escultor novaiorquino.



Radcliffe completa dizendo que, se a arte deve se aproximar da vida cotidiana – discurso próximo ao manifesto italiano da Arte Povera –, todas as suas experiências, sejam esculpindo ou tendo um relacionamento, são arte:

Viver é Arte. Você não pode fazer obras de arte sobre a vida se não a viver. Você só pode se arrepender do que não faz, então não hesite em fazê-lo.

Dessa forma, suas pequenas esculturas figurativas de cerâmica são autobiográficas e discursam sobre as nuances e dinâmicas das relações queer contemporâneas, mesmo quando são representações de objetos como garrafas de popper, preservativos ou mesmo de mensagens privadas no celular. Por meio da argila e da porcelana, explora intimidade, amor e sexo no contexto de um mundo digital com uma linguagem lúdica, cartunesca, porém extremamente madura e cheia de sutilezas. Afirmo que se utiliza das cores e do humor para criar uma ponte entre pessoas fora da comunidade LGBTQIA+ e as vivências queer, pois acredita que facilitam significativamente a conversa sobre tópicos difíceis, subversivos ou adultos.



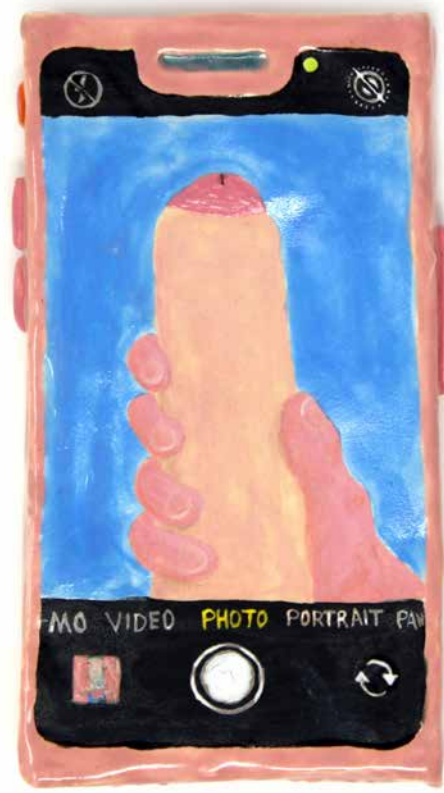
Morango Kiwi, cerâmica esmaltada, 2022. Acima, foto de referência.



Me abraçe forte, cerâmica esmaltada, 2022 (frente, verso, detalhe e foto de referência).



I love you forever and ever and ever, cerâmica esmaltada, 2022.



Mais um dia, mais uma foto de pau, cerâmica esmaltada, 2022.



A gente fudeu antes, cerâmica esmaltada, 2022.



50 poppers, cerâmica esmaltada, 2022.



Truvada derramada, cerâmica esmaltada, 2022.



Oi, acho que sua bunda me ligou..., cerâmica esmaltada, 2019.



O artista enfatiza o potencial da matéria-prima que usa em seu trabalho:

Foto do pau, cerâmica esmaltada, 2018.

Argila tem memória. Lembra exatamente como foi tocada. Ao reter o toque (e tudo o que vem com ele), torna-se especialmente emocional e espiritual e, por isso, a argila tem uma longa história de uso em recipientes que continham materiais importantes ou em ídolos de divindades. Cada escultura que faço é feita à mão, portanto, por meio do toque consigo imbuir meu trabalho com minhas próprias memórias, sentimentos e experiências. As mãos que já seguraram um amante ou enviaram uma mensagem de texto íntima, são as mesmas mãos que criam uma escultura.

Seu processo criativo acaba sendo muito orgânico, impulsionado emocional e socialmente. Uma conversa em um aplicativo, um encontro casual, uma foto ou vídeo podem servir de referência.

14

O corpo aparece com atributos pessoais que sejam identificáveis como indivíduo ou como coletivo. O estado do pênis oferece um tipo de energia específica de acordo com o que Radcliffe quer: uma ereção dá dinamismo, enquanto a flacidez suaviza. Fica mais interessante observar a liberdade nas esculturas de Radcliffe quando ele revela sua timidez inicial em retratar a nudez sexual.

Há muito poder em fazer obras de arte que apresentam e celebram a figura masculina no mundo de hoje. É uma forma de contar nossas histórias, nos conectar com pessoas como nós, educar outras pessoas e reescrever a narrativa queer na história da arte. Pra mim, tem sido uma maneira de me tornar sexualmente livre, de amar e aceitar totalmente meu corpo, minha identidade e minha sexualidade. Fazer obras de arte do nu frontal masculino foi fundamental para minha maioria como pessoa queer.





Tem que achar o ângulo correto, cerâmica esmaltada, 2022.



Conchinha algodão doce, cerâmica esmaltada, 2023.



Fumante, cerâmica esmaltada, 2023.



Pego se masturbando, cerâmica esmaltada, 2020.

Chiclete de ameixa, cerâmica esmaltada, 2022.





Ele sabe que historicamente a arte celebrou o nu feminino por ter sido feito para homens cis brancos heterossexuais. Hoje reconhece a nudez masculina sendo significativamente mais aceita (“o maior passo para normalizar algo que para muitos é um tabu”), porém, encontra a resistência do mercado da arte a obras que representam explicitamente ações sexuais.



De modo geral, esse estabelecimento de arte mais antigo e conservador tem medo de testar o mercado e afastar os colecionadores, mostrando trabalhos que podem ser “muito gays” para um público mais amplo. Isso é uma pena, é um equívoco. O valor da arte queer só aumentou com o tempo, e as obras mais antigas agora são altamente cobiçadas.

Seu trabalho costuma receber um feedback positivo nas redes sociais, mesmo entre heterossexuais (“geralmente o feedback negativo é muito incoerente para ser ofensivo”). Está em busca de terminar seu mestrado em Paris, fazer residência artística no Brasil, produzir esculturas maiores e publicar um livro de artista.

Apaixonado pela vida, Radcliffe manda o recado definitivo:

Não tenha medo ou seja pressionado por outras pessoas. Sempre haverá alguém que vai amar e celebrar o que você faz. Mais do que tudo, faça o que você ama e valerá a pena.

8=D



Camisinhas (2022) e Uncut (Pau banana) (2021), todos em cerâmica esmaltada.



Cirurgia plástica para você.



Dr. Alcemar Maia Souto CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com



Com uma carreira que se estende por décadas, **Robert Siegelman** tem se destacado por abordar a figura masculina com uma linguagem que vai da reverência à irreverência. Isso é evidente na sua fotografia de composição delicada em contraposição aos seus desenhos de traços rápidos e livres. Esse enfoque diverso é resultado de suas múltiplas inspirações, que vão da obra erótica de Picasso aos nus retratados por Ren Hang, do israelense Doron Langberg ao afro-americano Clifford Prince King.

Robert Siegelman

por Filipe Chagas

Seu processo criativo também é caracterizado por uma constante mudança e experimentação, alternando entre ser lúdico e sério, sempre aberto a novas ideias e reflexões internas. É através da prática diária e contínua que ele se entende como artista.

Estou envolvido em minha arte diariamente, mesmo fora do estúdio. Gosto do reconhecimento que recebo e das vendas ocasionais, mas meu sucesso está nas minhas criações.

Siegelman recorda que a representação do nu masculino tem sido um elemento básico da Arte há séculos – inclusive na adoração da figura quase nua de Cristo*. No entanto, ressalta que a discussão sobre o nu masculino como algo sexual, íntimo e vulnerável é relativamente nova, e uma perspectiva queer capaz de olhar para o nu como metáfora e objeto de desejo é extremamente importante, especialmente agora que as coisas estão se tornando cada vez mais retrógradas.

* Leia sobre a nudez de Cristo na edição 20.

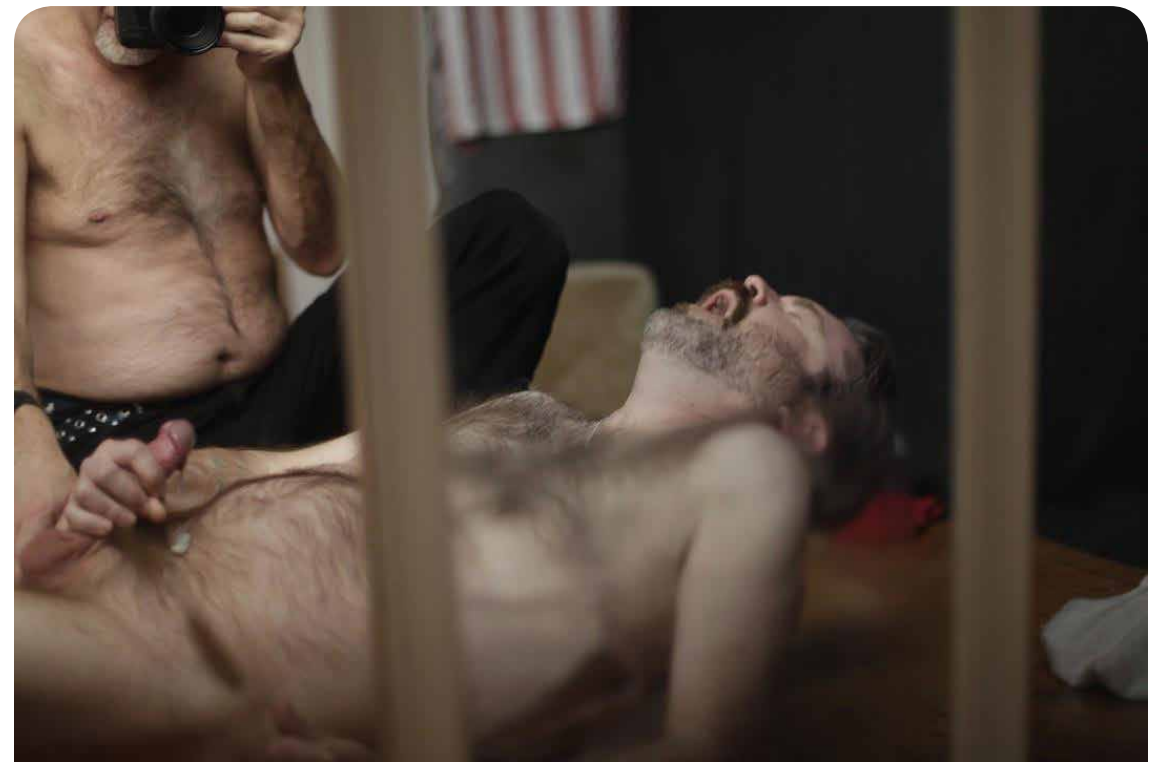






Robert se diferencia dos artistas mainstream que buscam alcançar o público a partir da imagem estereotipada do jovem Apolo musculoso:

Não procuro somente modelos jovens ou com determinados tipos de corpo. Não estou tentando apresentar uma ideia de corpo perfeito. Fotografo e desenho homens de todas as idades e tipos físicos. Isso é muito importante para mim. Recentemente, fotografei um homem de noventa anos, com quem trabalhei intermitentemente desde que ele tinha setenta e seis! Meu trabalho é sobre positividade corporal e não tenho medo de encarar o envelhecimento como parte desse processo.

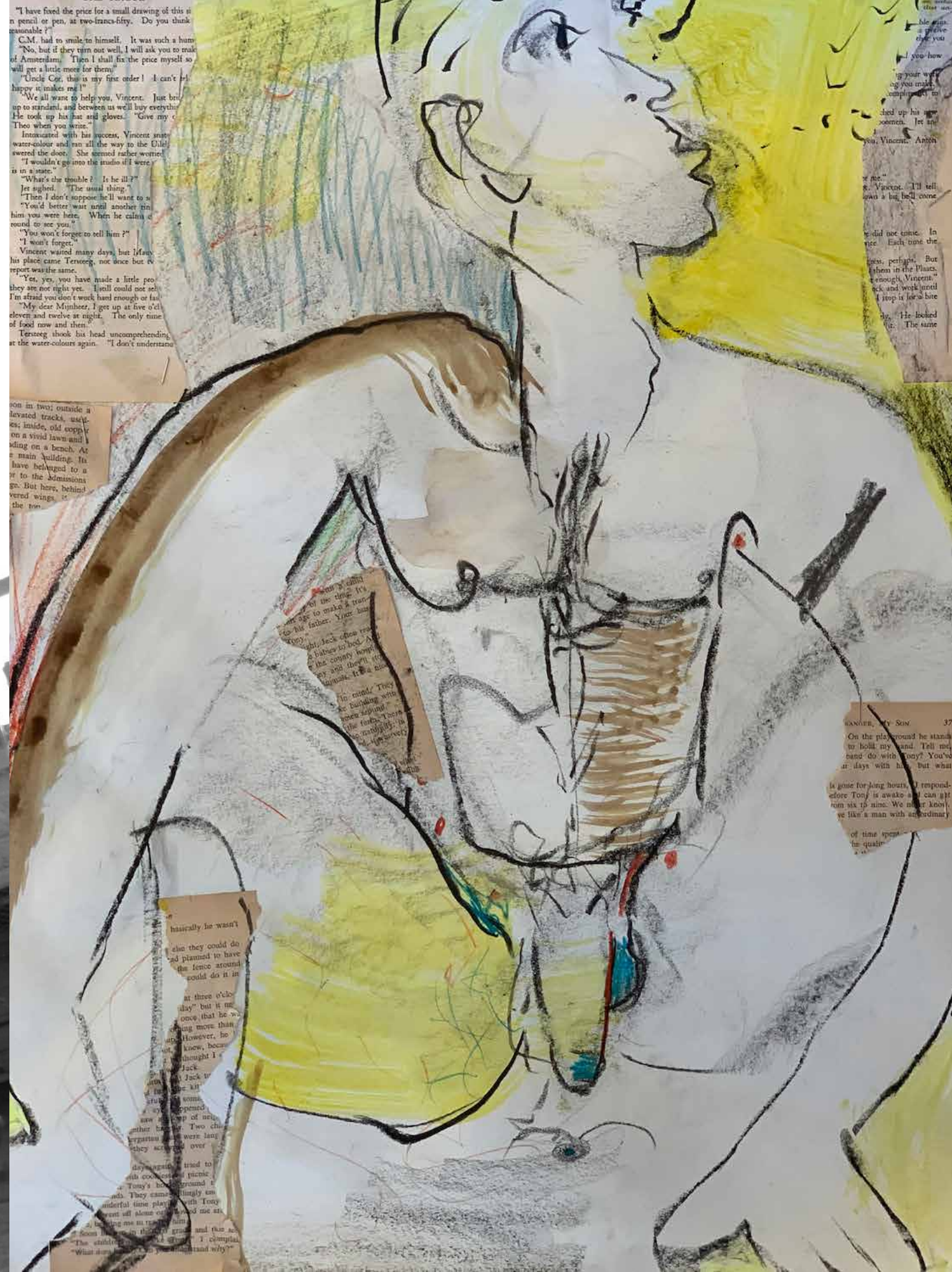




E aí que encontramos a assinatura de Siegelman em suas fotografias: a presença de si mesmo através do reflexo em um espelho. Ao se incluir na imagem, ele nos desperta para o fato de que o fotógrafo sempre está presente, mesmo que não seja visível. Por consequência, leva o espectador para dentro da composição, oferecendo-se como um substituto. O espelho, então, se torna uma ferramenta fascinante e potente: nos expõe, revela quem somos por fora e por dentro.

O espelho traz também uma investigação íntima. Siegelman admite que estar na foto é também uma forma de lidar com seu próprio processo de envelhecimento e, assim, chegar a um acordo com seu corpo e sua auto-imagem.

Quando estou na foto, vejo como sou e nem sempre fico satisfeito com esse corpo. Não é fácil, é um processo de aceitação. A maioria (não todos) dos modelos com quem trabalho são mais jovens do que eu e acabo me vendo em relação aos seus corpos. Também descobri que em todas as idades existe um desconforto com a aparência física. Então, é também sobre honestidade, fazer parte da imagem e não estar fora dela.



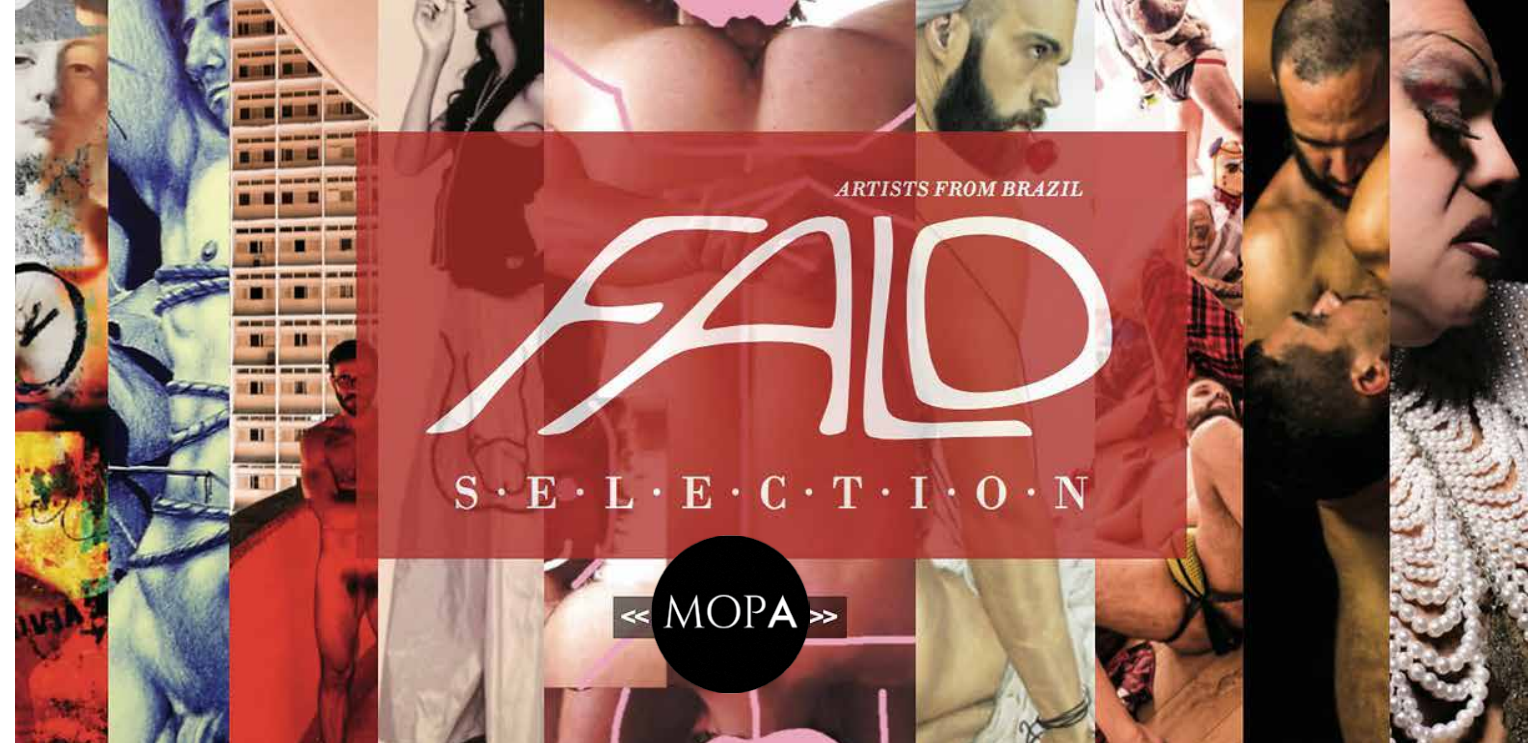




Dessa forma, todo o corpo é objeto de trabalho para o artista. Seja um retrato ou um close da cintura pra baixo, a proposta é trazer honestidade e franqueza. Mesmo em seus desenhos que, de certa forma, contrastam e se sobrepõem com seu trabalho fotográfico, Siegelman busca capturar as expressões que precisam ser exploradas e representadas de maneira queer, proporcionando experiências libertadoras para muitos dos retratados.

Aliás, a reação das pessoas ao seu trabalho tem sido muito positiva, mas, claro, lidar com a censura online tem sido um tormento. Acredita que a crescente aceitação e exposição da comunidade LGBTQIA+ traz mais vulnerabilidade, porém, é no orgulho do que se faz e na verdade de quem se é que vem a força para combater a onda conservadora.

As questões que Siegelman traz em seu trabalho são universais e vão além do mundo queer. Ele aponta para a fragilidade que o corpo masculino carrega. Que seu trabalho continue a explorar e a evidenciar aquilo que precisa ser discutido e transformado! **8=D**



9 Brazilian artists | 100 pages | 21 x 14.8 cm | Soft Cover



**FIRST
PRINT
EDITION**

BUY HERE >>> MOPA

Falo de História

por Filipe Cingas

Peter Hujar

1934-1987

Paul Thek se masturbando (1967).

O fotógrafo estadunidense **Peter Hujar** (1934-1987) ficou conhecido por seus retratos quadrados em PB, meio século antes das redes sociais adotarem o formato. Foi reconhecido postumamente como um dos principais fotógrafos americanos do final do século 20. No entanto, em vida, recebeu apenas reconhecimento público marginal.

Hujar nasceu em Trenton, Nova Jersey, filho de Rose Murphy, uma garçonete que foi abandonada pelo marido contrabandista durante a gravidez. Por não ter condições financeiras para morar com a mãe, ele foi criado por seus avós em uma fazenda – onde se falava apenas ucraniano – até começar a escola. Tios e primos que também moravam na fazenda passaram a abusar sexualmente de Hujar.

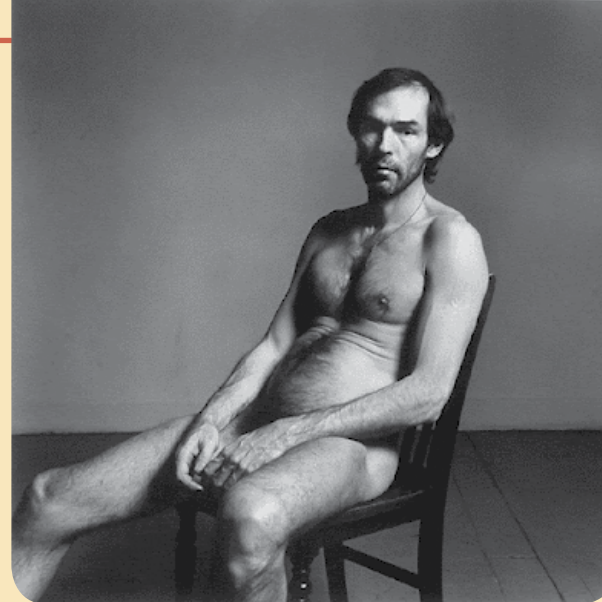
O jovem permaneceu no local até a morte de sua avó em 1946, quando se mudou para a cidade de Nova York para morar com sua mãe e seu segundo marido. Recebeu a sua primeira máquina fotográfica aos treze anos, em 1947, quando deu início a seu interesse pela fotografia. Porém, a família era abusiva e, em 1950, quando tinha 16 anos, Hujar saiu de casa e começou a viver de forma independente.

Em 1953 ingressou na Escola de Arte Industrial, mas precisou dormir no sofá de uma professora encorajadora, a poetisa lésbica Daisy Aldan (1918-2001) e, seguindo seu conselho, tornou-se aprendiz de fotografia comercial. Aos 23 anos, já fazia fotografias hoje consideradas de qualidade de museu. Em 1958, Hujar acompanhou o pintor Joseph Raffael (1933-2021) em um Fulbright* para a Itália.

* A Comissão Fulbright EUA-Itália é uma organização binacional sem fins lucrativos que promove oportunidades de estudo, pesquisa e ensino na Itália e nos Estados Unidos por meio de bolsas competitivas baseadas no mérito.



Paul Thek na Zebra (1965).



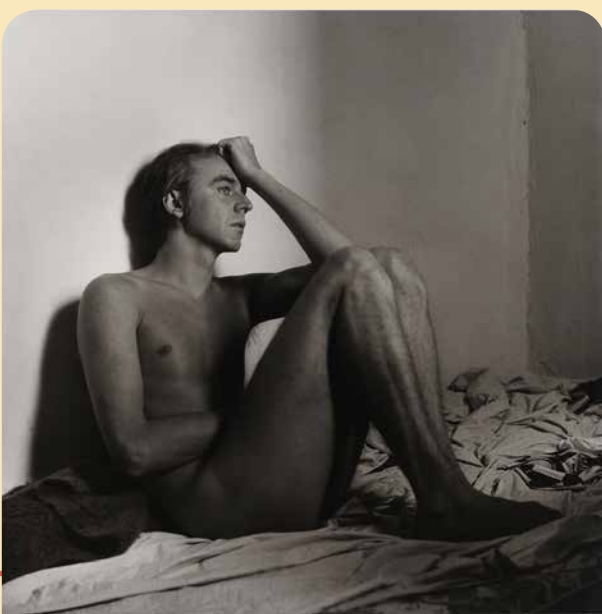
Autoretrato (19-).



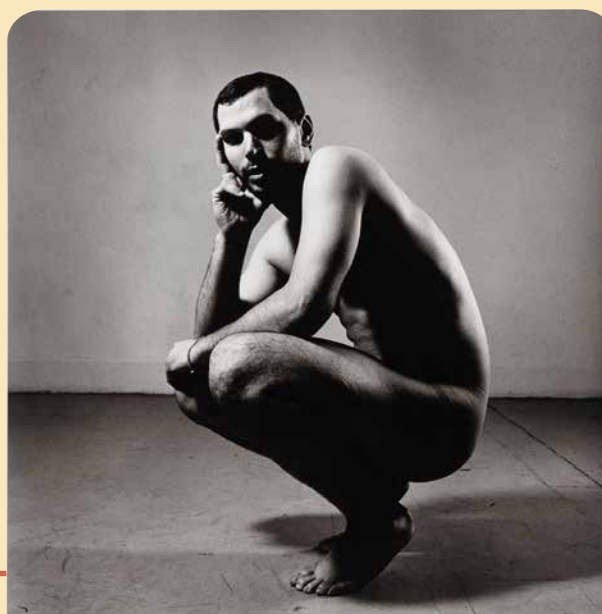
Nu de costas (19-).



Sem título (19-).



Rene Ricard (1978).



Randy Gilbert (1981).

Em 1963, Hujar garantiu o seu próprio Fulbright e voltou para a Itália com o artista Paul Thek (1933-1988). De volta aos EUA no ano seguinte, tornou-se assistente-chefe no estúdio do fotógrafo comercial Harold Krieger (1925-2015), onde conheceu Andy Warhol (1928-1987) e participou de alguns projetos do artista. Também em 1964, Hujar foi apresentado ao escritor Stephen Koch (1941-). Os dois começaram uma amizade que se aprofundaria com os encontros realizados entre os dois durante uma década, na qual Hujar, entre outras coisas, relatava a sua vida, e Koch ouvia com interesses literários*:

A câmera era o instrumento de intimidade de Peter. Sua lente deu a ele algo que ele não poderia alcançar de outra forma e sem o qual não poderia viver: um equilíbrio entre proximidade e distância.

Em seu tempo livre, Hujar absorvia os conselhos de alguns dos fotógrafos pioneiros de seu tempo, como Diane Arbus (1923-1971), Richard Avedon (1923-2004) e Lisette Model (1901-1983), cujos retratos íntimos de rua serviram como influência basal. No fim da década de 1960, decidiu, então, deixar seu emprego na fotografia comercial e, com grande sacrifício financeiro, começou a buscar principalmente seu próprio trabalho de arte que refletia seu meio. Mudou-se para Manhattan para trabalhar como autônomo para revistas de publicidade e moda e foi no cenário contemporâneo e marginal da Nova Iorque das décadas de 1970 e 1980, que Hujar estabeleceu sua carreira profissional.

* De acordo com Koch, Hujar contabilizou pelo menos 6 mil parceiros sexuais, apesar de geralmente não tratar do tema e de ter dito que nunca gostou de sexo.

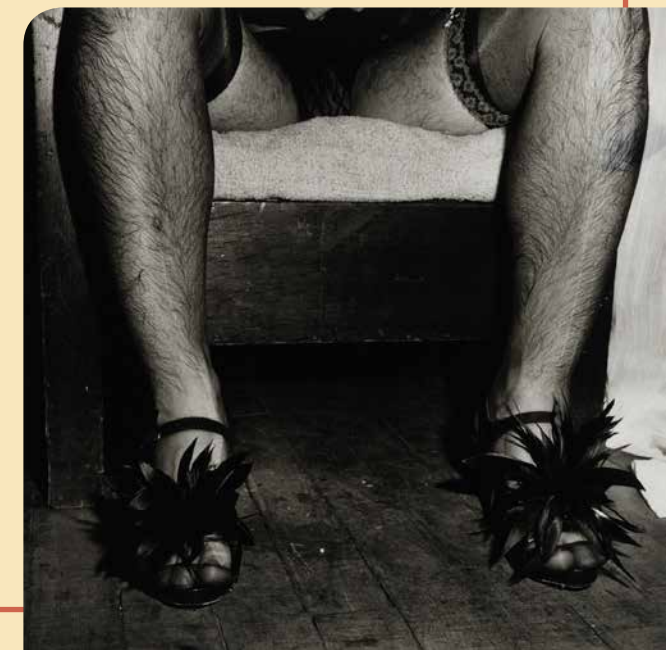
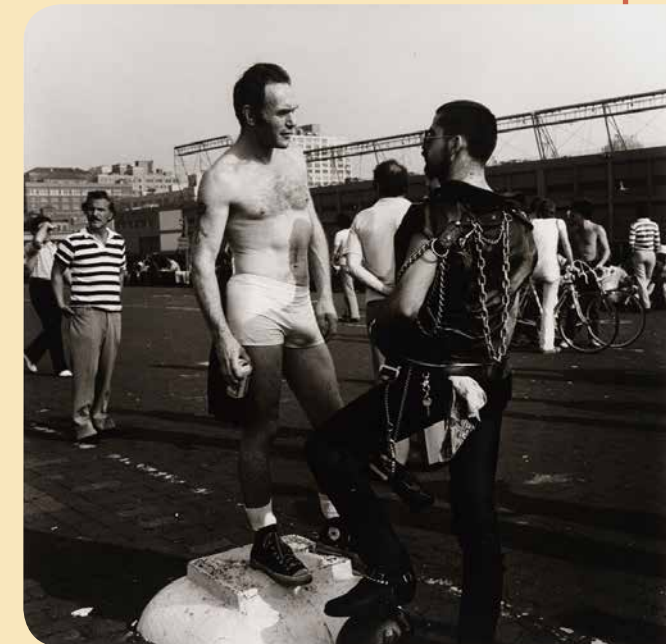
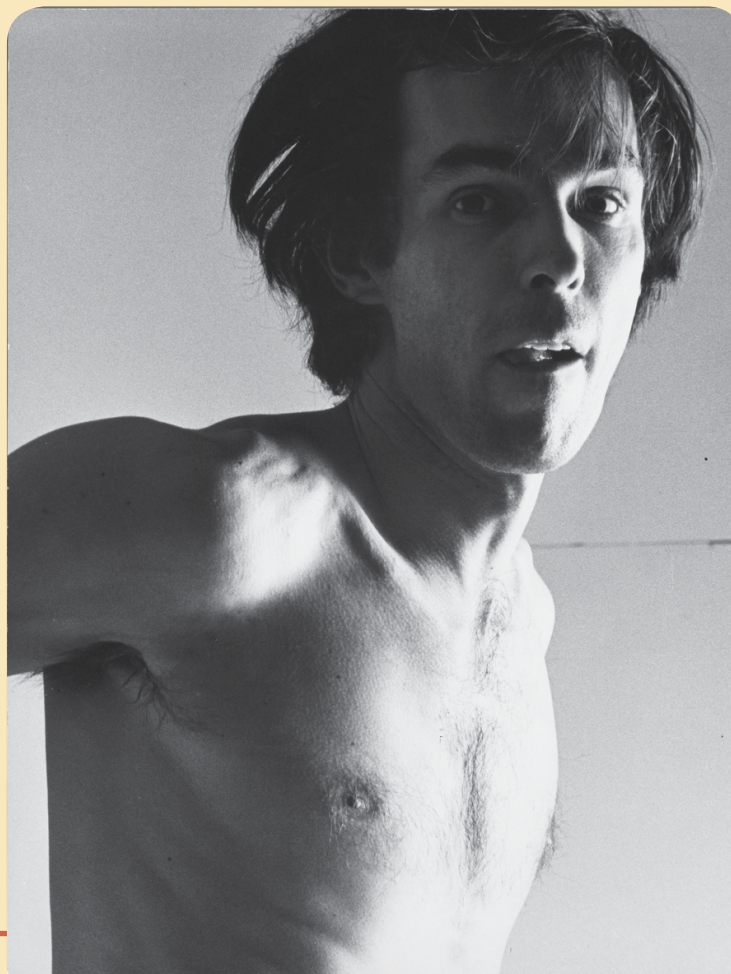


Tinha uma ampla gama de assuntos em sua fotografia, incluindo paisagens urbanas, naturezas mortas, animais, prédios abandonados e ruínas. Sobrecarregado pela estética pop de Warhol (que também foi fotografado por ele), Hujar fotografava o glamour excessivo, a fama, o sexo e as figuras públicas com um certo desprendimento moral. Deu enfoque a transexuais, drag queens, bares SM e locais de cruising, fazendo com que muitos críticos coloquem sua obra como um registro da ascensão dos movimentos LGBT+ da época.



Abaixo: *Dois homens em couro se beijando [Jay e Fernando] (1966)*. Ao lado: *Larry Ree (1974)*, *Pier da Christopher Street (1976)* e *Randy, Salto alto no Halloween (1980)*.

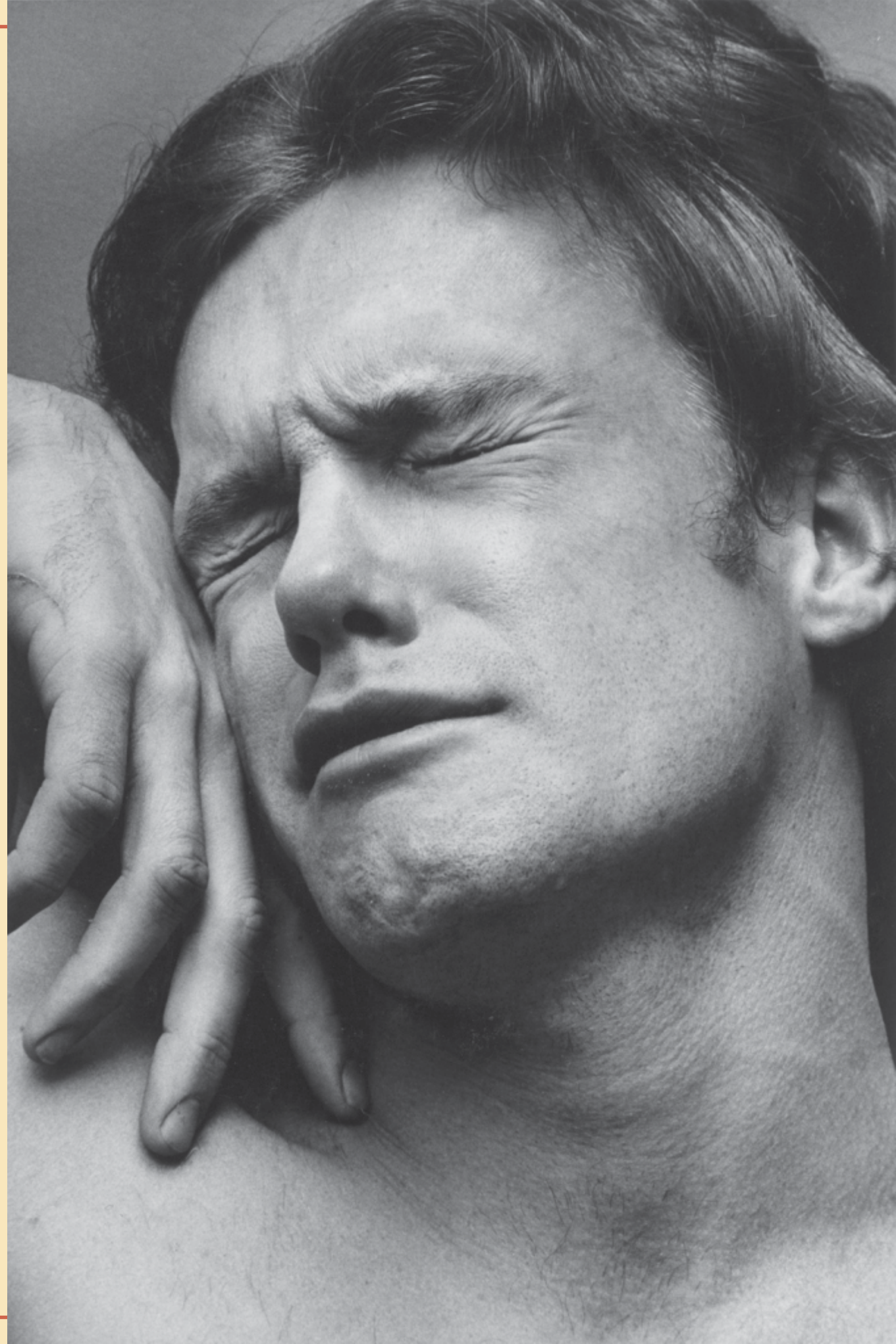
Autorretratos nuos feitos na *master class* do Richard Avedon (1966).





Orgasmic Man II (1969).

Orgasmic Man (1969).



“A humanidade, a profundidade e as percepções sensuais de Hujar não são para todos e não precisam ser, mas uma vez que suas fotos entram em sua corrente sanguínea, elas são impossíveis de abalar.”

Elton John



Foi um influente artista-ativista do movimento de libertação gay: em 1969, com seu amante, o ativista político Jim Fouratt (1941-), testemunhou os distúrbios de Stonewall e é responsável pela icônica foto para a Frente de Libertação Gay (GLF). Tornou-se uma figura de destaque no mundo da arte boêmia do centro de Manhattan, retratando a performer Divine (1945-1988), os escritores Susan Sontag (1933-2004), William Burroughs (1914-1977), Fran Lebowitz (1950-) e Vince Aletti (1945-). Era tanto admirado quanto odiado por sua atitude totalmente intransigente em relação ao trabalho e à vida. Diz-se que dispensava conhecer artistas que não respeitava e ameaçou jogar uma cadeira em donos de galeria.



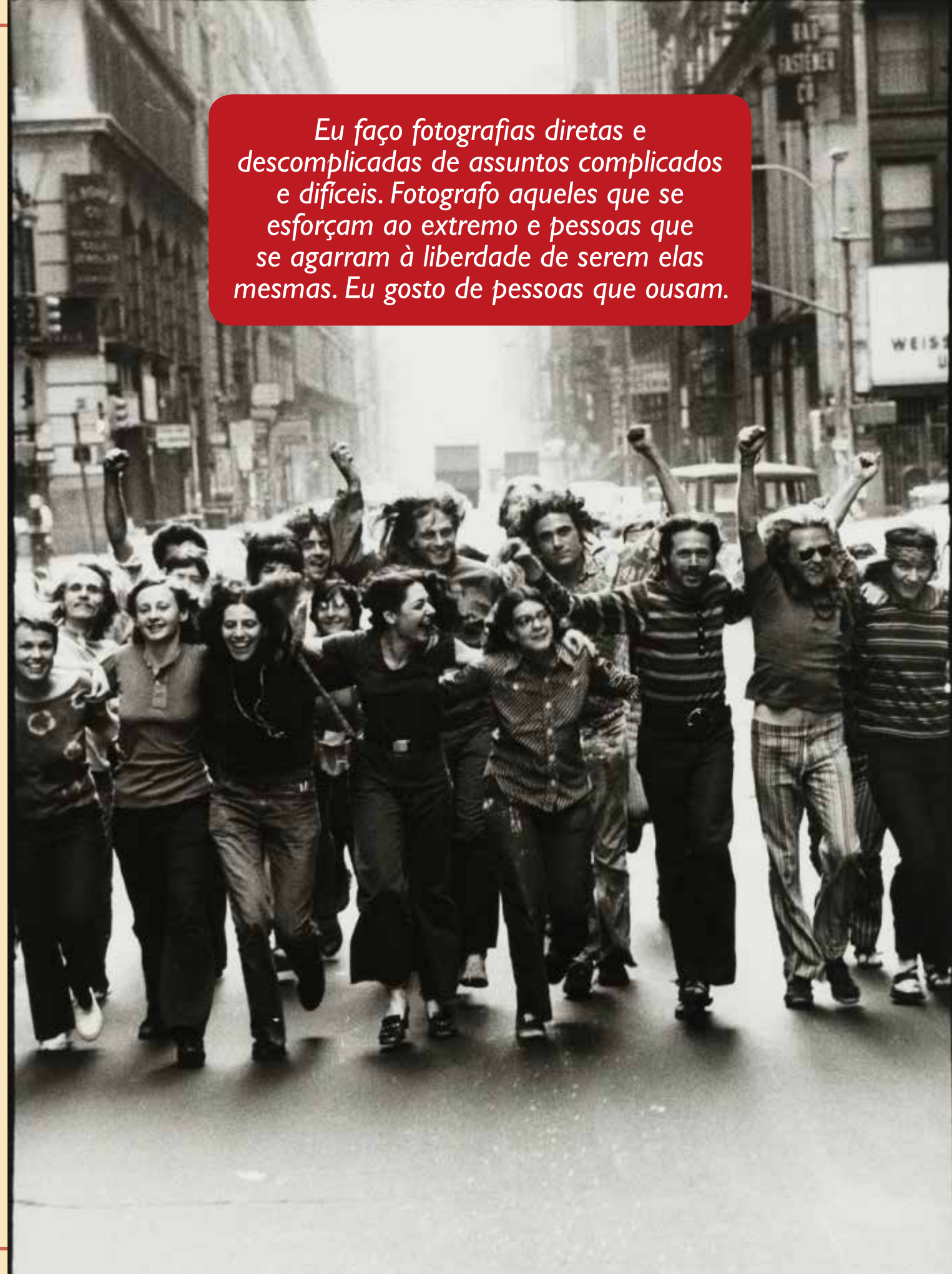
Em 1973, tirou uma de suas mais populares fotografias: *Candy Darling no seu leito de morte*, uma performer transgênero – estrela de Andy Warhol – com linfoma, fazendo uma pose teatral de morte em sua cama de hospital. Seu primeiro livro, *Portraits in Life and Death*, com uma introdução de Sontag, foi publicado em 1976, com uma seleção de 40 fotografias, sendo 29 retratos e 11 fotografias de catacumbas, tiradas durante seu Fulbright na Itália. Reunir imagens de amigos com esqueletos foi uma escolha que levou o livro a ter uma recepção morna. Além disso, a personalidade “difícil” de Hujar e sua recusa em ceder ao mercado tornaram a publicação a última durante sua vida. Com o tempo, o livro se tornou um clássico da fotografia americana.

Meu trabalho sai da minha vida. Só consigo me expressar através da fotografia.



Nu urinando (1979), Gozo (19-) e Candy Darling em seu leito de morte (1973).

Eu faço fotografias diretas e descomplicadas de assuntos complicados e difíceis. Fotografo aqueles que se esforçam ao extremo e pessoas que se agarram à liberdade de serem elas mesmas. Eu gosto de pessoas que ousam.



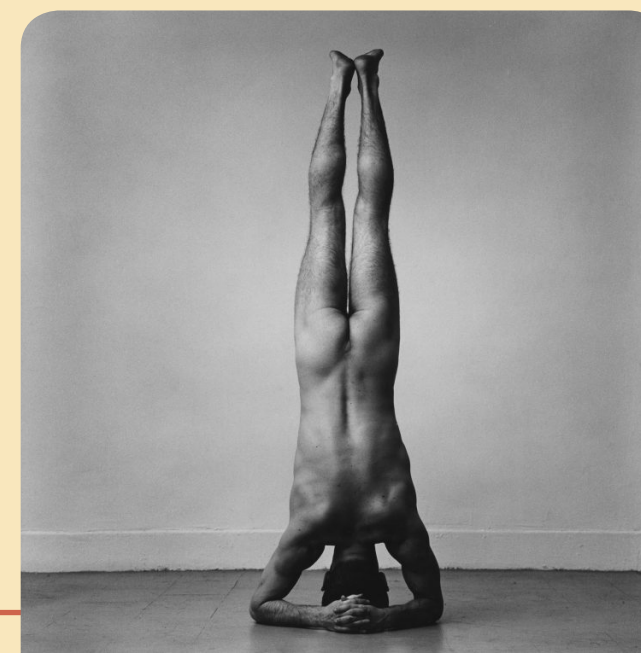
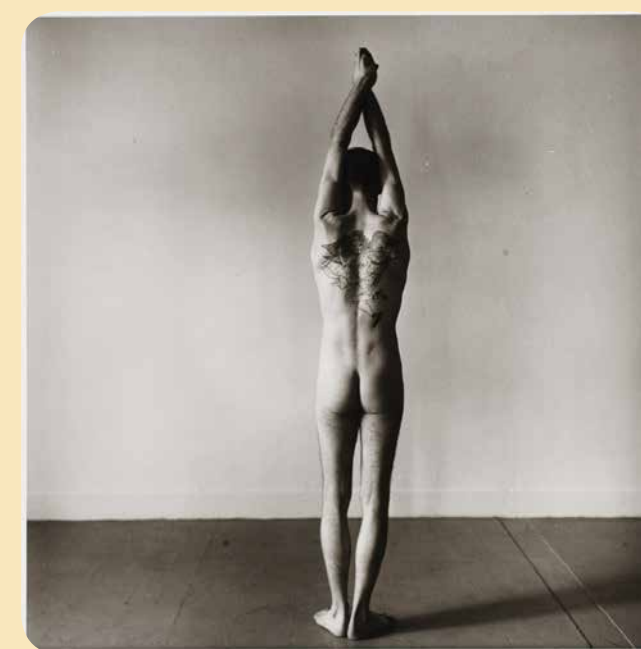
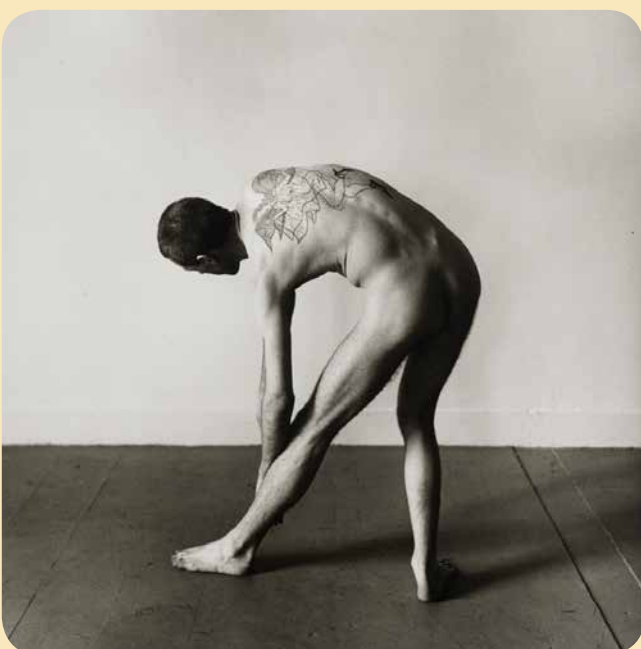
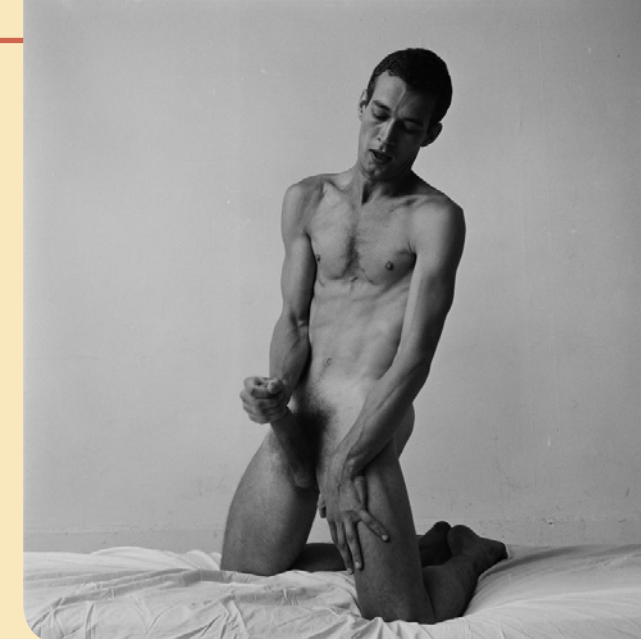
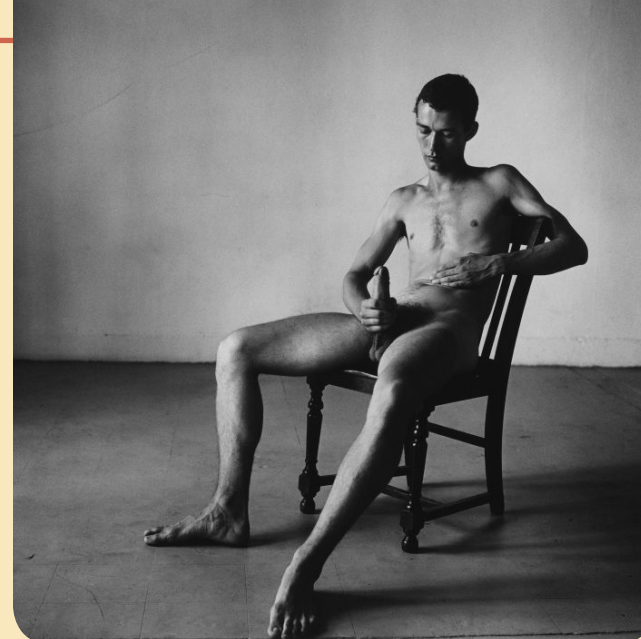
Na década de 1980, começaram a comparar o trabalho de Hujar ao de Nan Goldin (1953-) e Robert Mapplethorpe (1946-1989). Em relação a Goldin, Hujar era mais sutil e sensorial. Goldin escreveu:

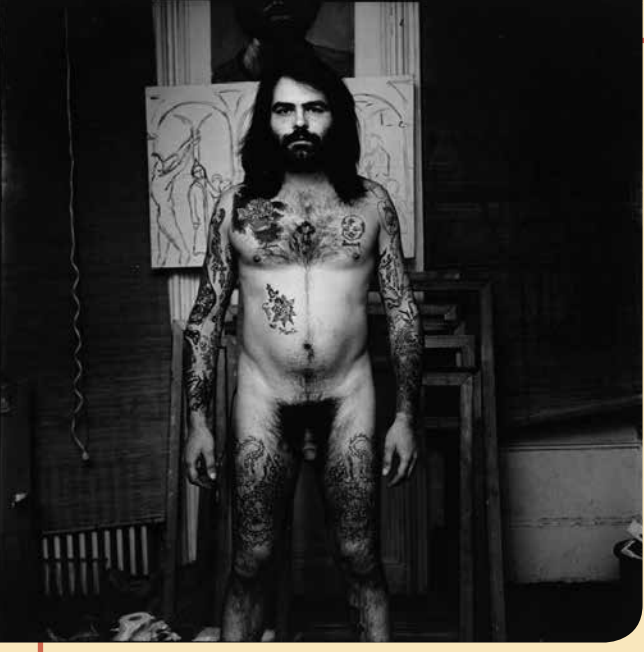
Suas fotos são exóticas, mas não de uma forma superficial e sensacional. Olhar para suas fotos de homens nus, até mesmo de um bebê nu, é o mais perto que já cheguei de experimentar o que é habitar a carne masculina. Suas fotografias de animais têm essa mesma empatia rara, são como retratos altamente pessoais.

A relação com Mapplethorpe foi um pouco mais complicada e multifacetada. Inicialmente, Hujar foi um mentor para Mapplethorpe, orientando-o e oferecendo conselhos sobre técnica e estética fotográfica. Ao longo do tempo, a relação entre eles evoluiu para uma competição artística saudável e colaboração ocasional, já que ambos abordavam temas semelhantes de maneira distinta: enquanto Mapplethorpe buscava as formas em suas composições fotográficas, Hujar buscava o humano, a intimidade, a vulnerabilidade. No entanto, alguns amigos próximos afirmam que, na verdade, Mapplethorpe copiou as técnicas de Hujar para atingir o sucesso que veio em oposição ao ostracismo do mentor intransigente. Hujar chegou a dizer que tinha aversão a Mapplethorpe e achava seu trabalho bobo. Um modelo certa vez disse:

Com Hujar você tinha que revelar honestidade intensa e ardente direcionada para a lente. Sem reclamar. Sem posar. Sem colocar nada. Apenas quem você é. Você deve se despir de todas as bobagens até chegar ao osso. Isso é o que Peter queria e esse era seu grande talento e habilidade.

Bruce de Saint Croix [Em pé, Sentado, Se masturbando] (1976), Ethyl [Nu I, II e III] (1978) e Gary Schneider [Em contorção I e II e De ponta cabeça] (1979).

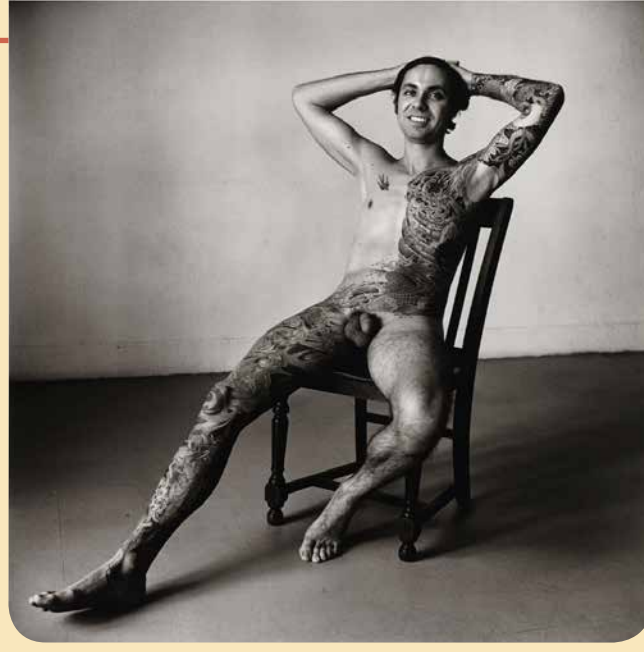




Ernie (1974).



Carlos (1976).



Charlie tatuado (1976).



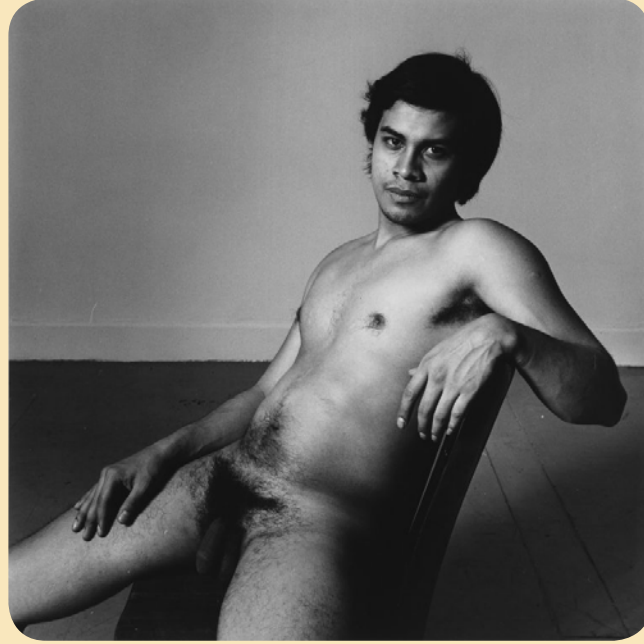
Robert Levithan (1977).



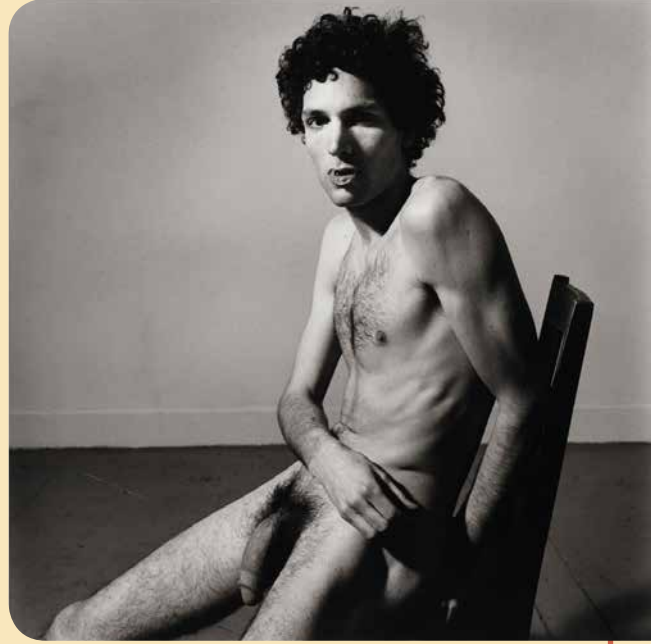
Nu sentado (1978).



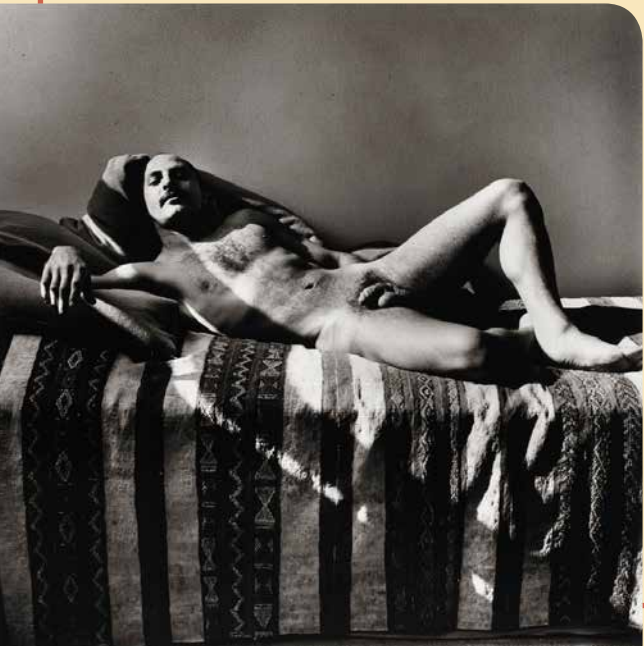
Nu masculino drapeado (1979).



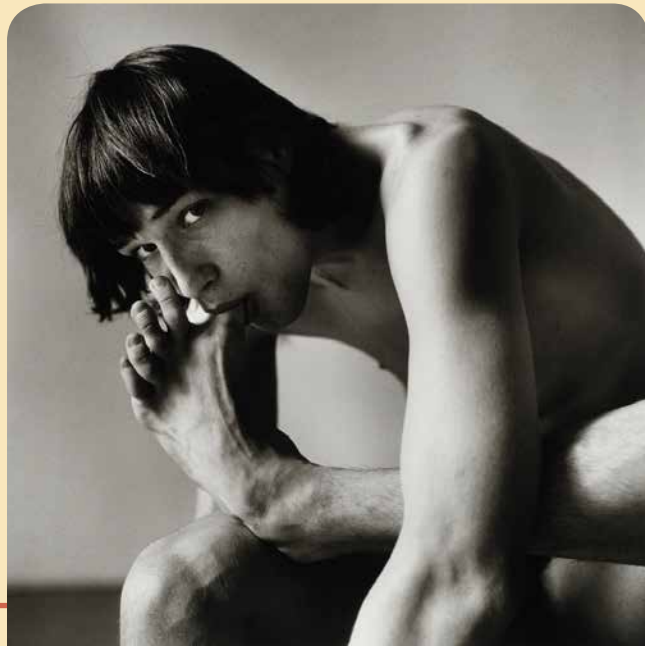
Manny (1979).



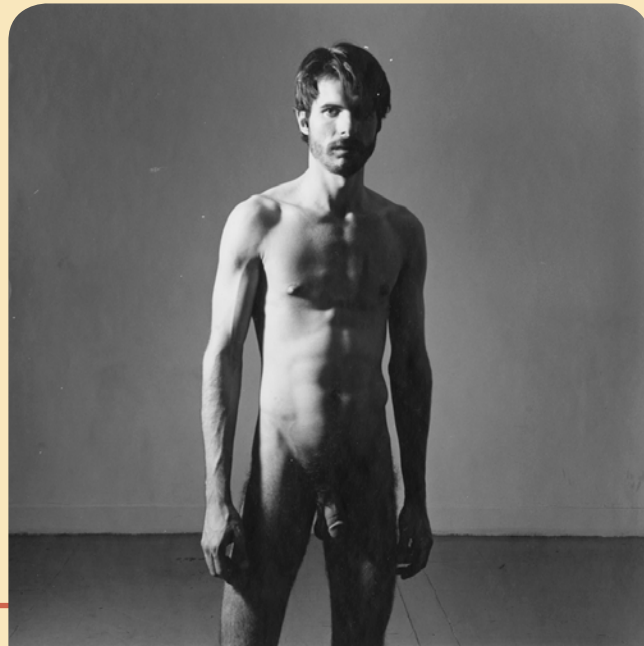
Nu soprando bolha de cuspe (1979).



Nicolas Abdallah Moufarrege em Paris (1980).



Daniel Schook chupando o dedo [Close] (1981).

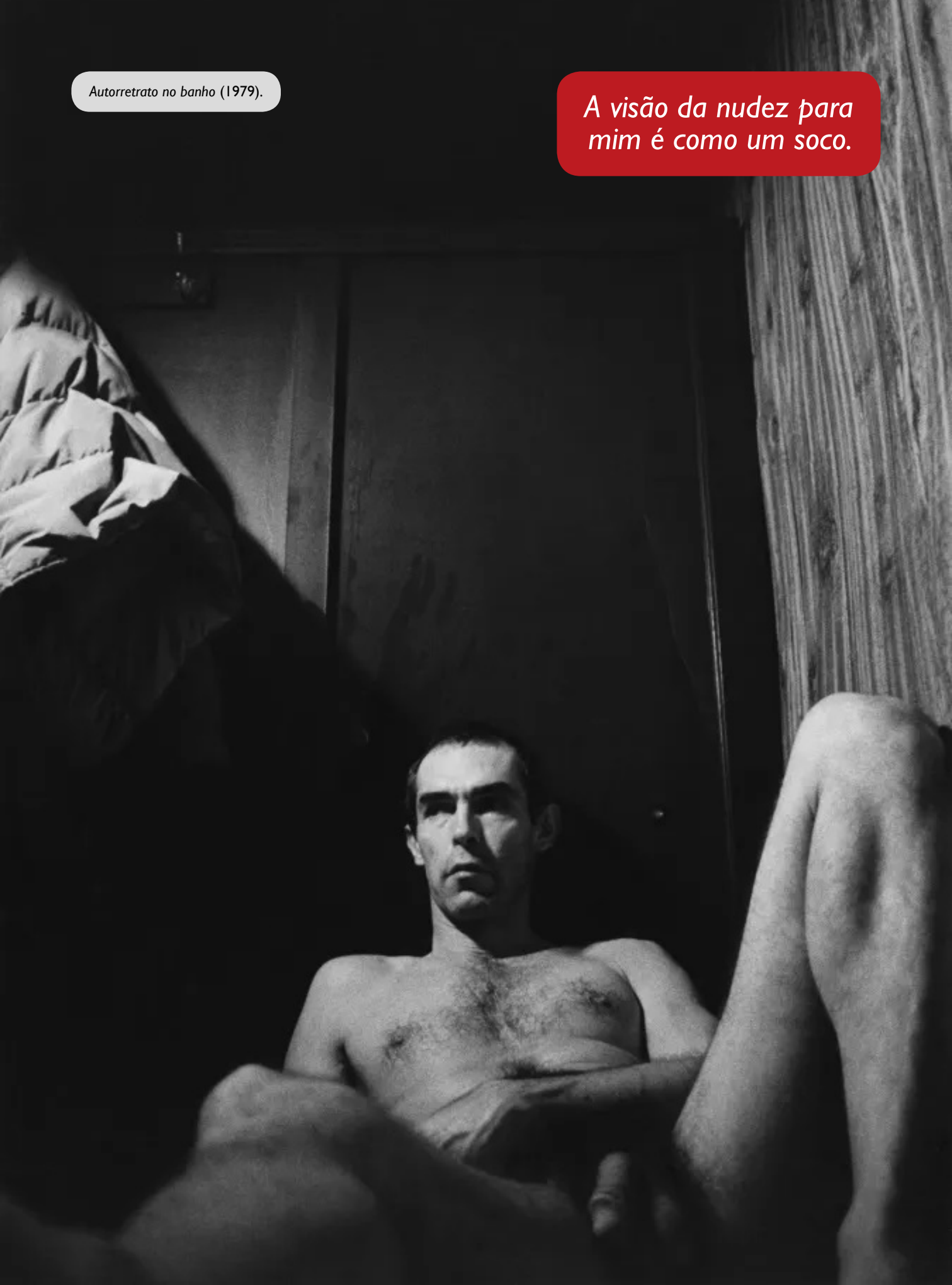


Keith Cameron (1981).



Keith Cameron sentado nu (1981).

A visão da nudez para mim é como um soco.



No início de 1981, Hujar conheceu o traficante David Wojnarowicz (1954-1992), que veio a se tornar escritor, cineasta e artista. Ambos artistas queer, compartilhavam uma conexão profunda e uma visão artística semelhante, que alguns críticos acreditam vir do histórico de abuso na infância e da crise da AIDS. Eles foram amantes por um breve período, então amigos e, muitos dizem, almas gêmeas. Wojnarowicz chegou a dizer que Hujar “era como o pai que nunca tive, como o irmão que nunca tive”. Em troca, ele inspirou novas energias na vida e no trabalho tardio de Hujar.

Em janeiro de 1987, Hujar foi diagnosticado com AIDS. Ele morreu 10 meses depois, aos 53 anos, devido a complicações pulmonares da doença, deixando para trás um corpo complexo e profundo de fotografias. Apesar de não ter conquistado sucesso de público em vida – em sua última exposição na Gracie Mansion Gallery em 1986, Hujar vendeu somente duas das 100 fotografias cujo preço era de US\$ 600 cada –, sua obra é cada vez mais exposta em museus de arte: sua primeira retrospectiva aconteceu em 1994 no Museu Stedelijk em Amsterdã e, de 2005 a 2006, o MoMA hospedou uma grande exposição do seu trabalho.

Eu quero ser discutido em voz baixa. Quando as pessoas falarem sobre mim, quero que sussurem: “Peter Hujar”

8=D



Acima: *David Wojnarowicz reclinado II* (1981) e, abaixo, *David Wojnarowicz na cama* (1983).

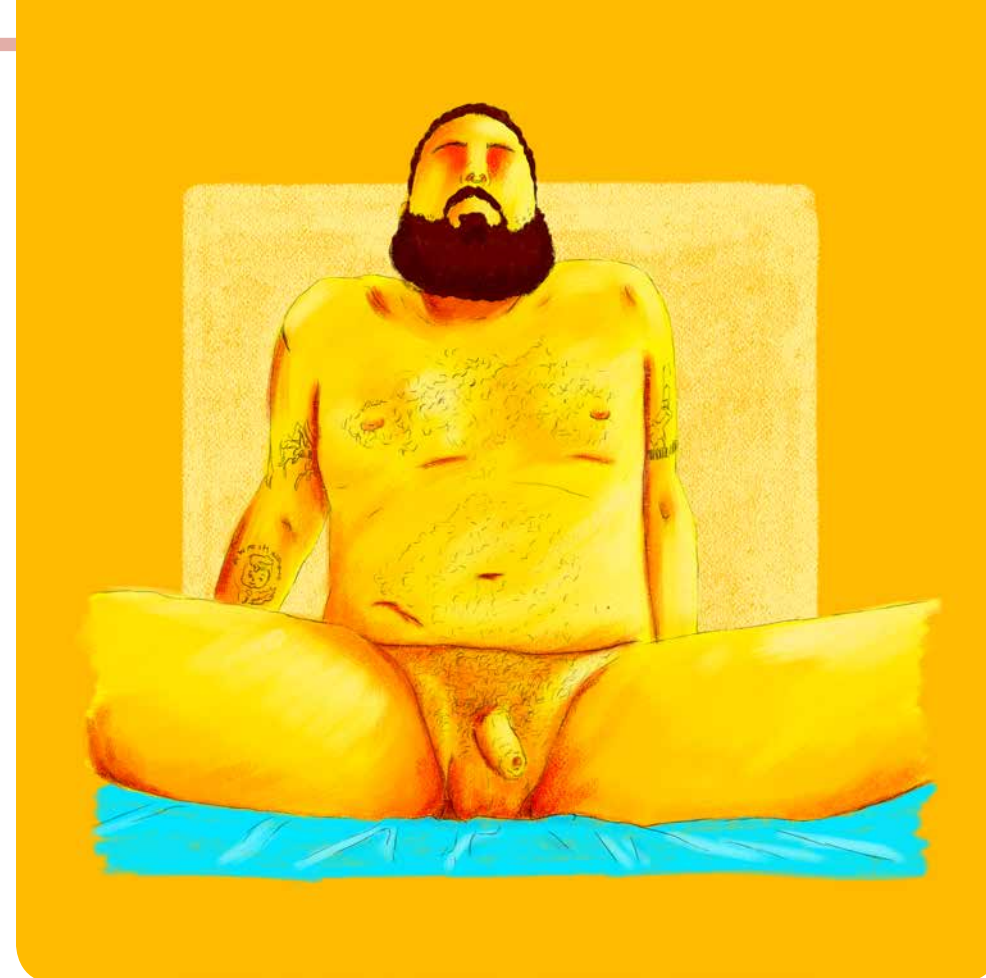
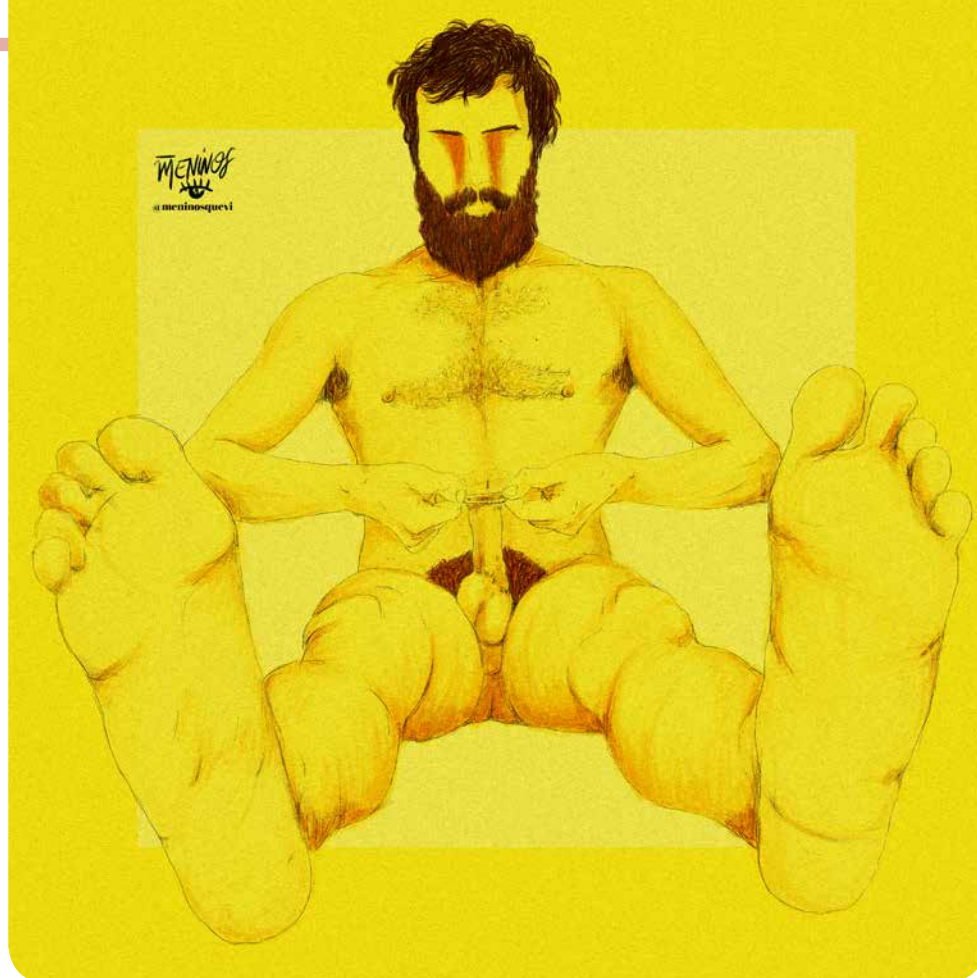


Logo depois que se mudou para Toronto, no Canadá, no início de 2019, o designer mineiro **Thiago Muniz** sentiu a necessidade de um desafio criativo em algo que fosse prazeroso. Resolveu unir a admiração pela fotografia de nudez masculina com a vontade de se dedicar ao desenho. Suas primeiras ilustrações digitais foram feitas a partir de fotos do marido, de amigos ou de fotos na internet... nascia o projeto **Meninos que Vi (MQV)**, de corpos amarelos e olhos “borrados”.

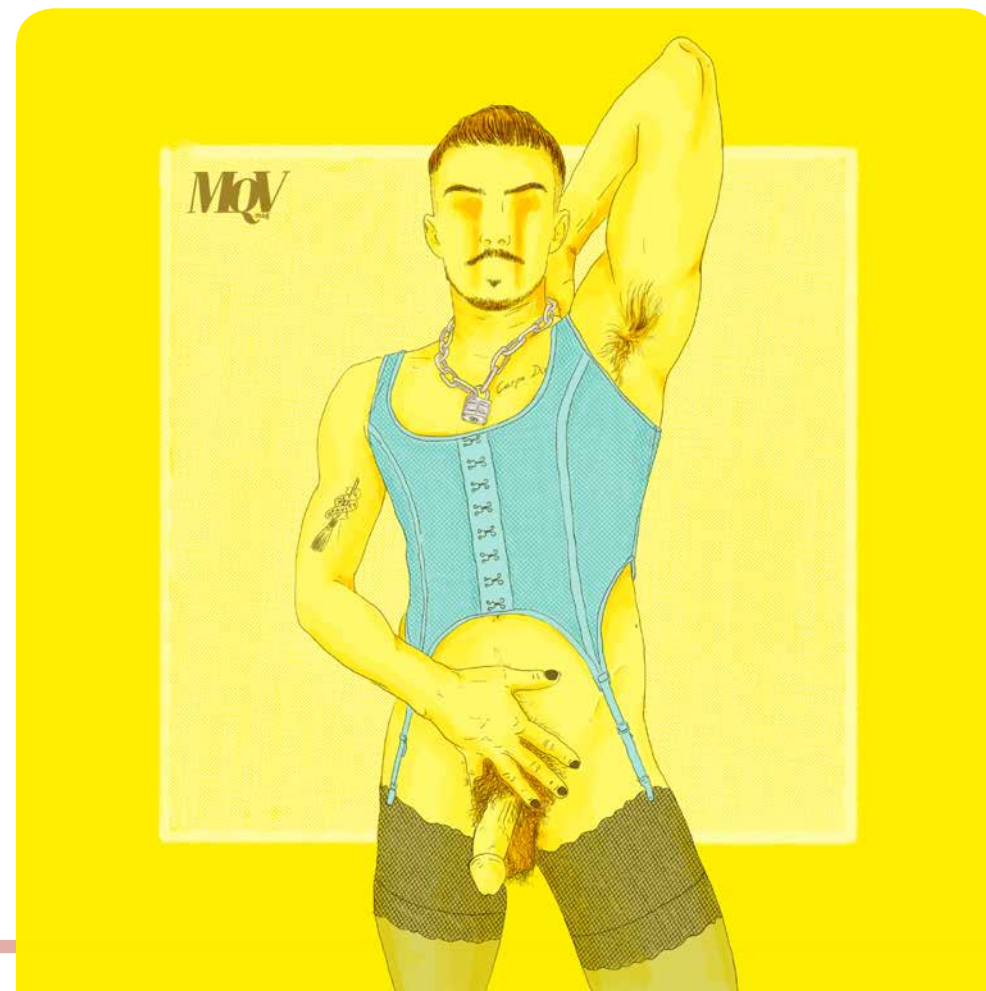
As redes sociais fizeram o projeto ganhar um alcance inesperado e também a mudar de foco:

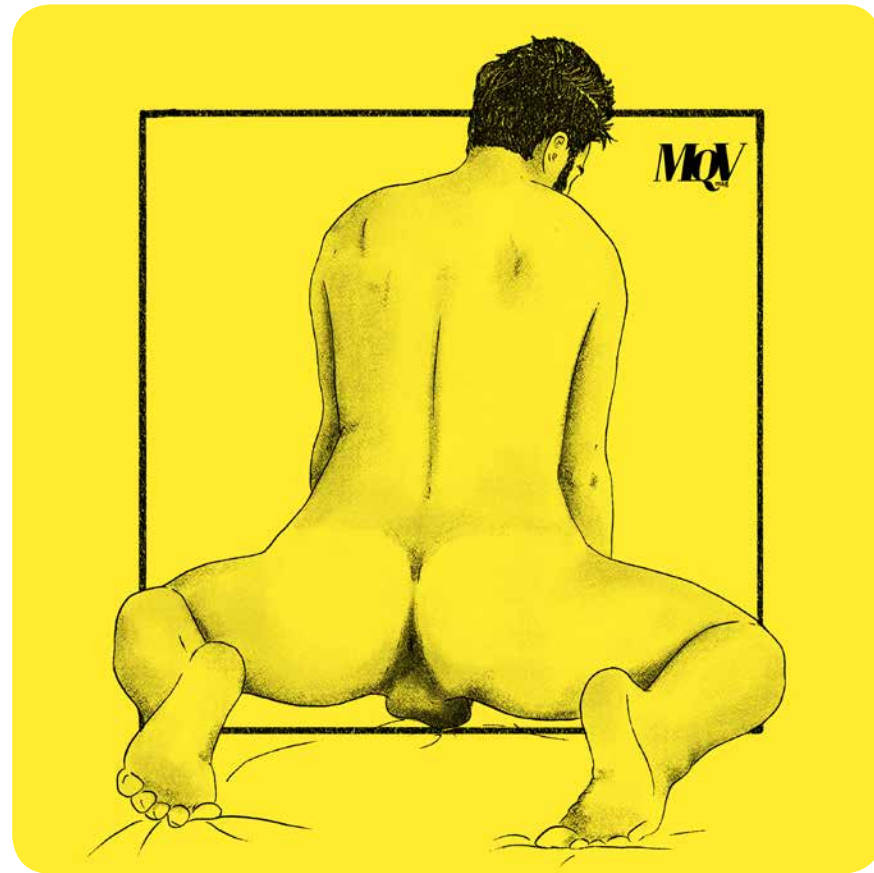
52

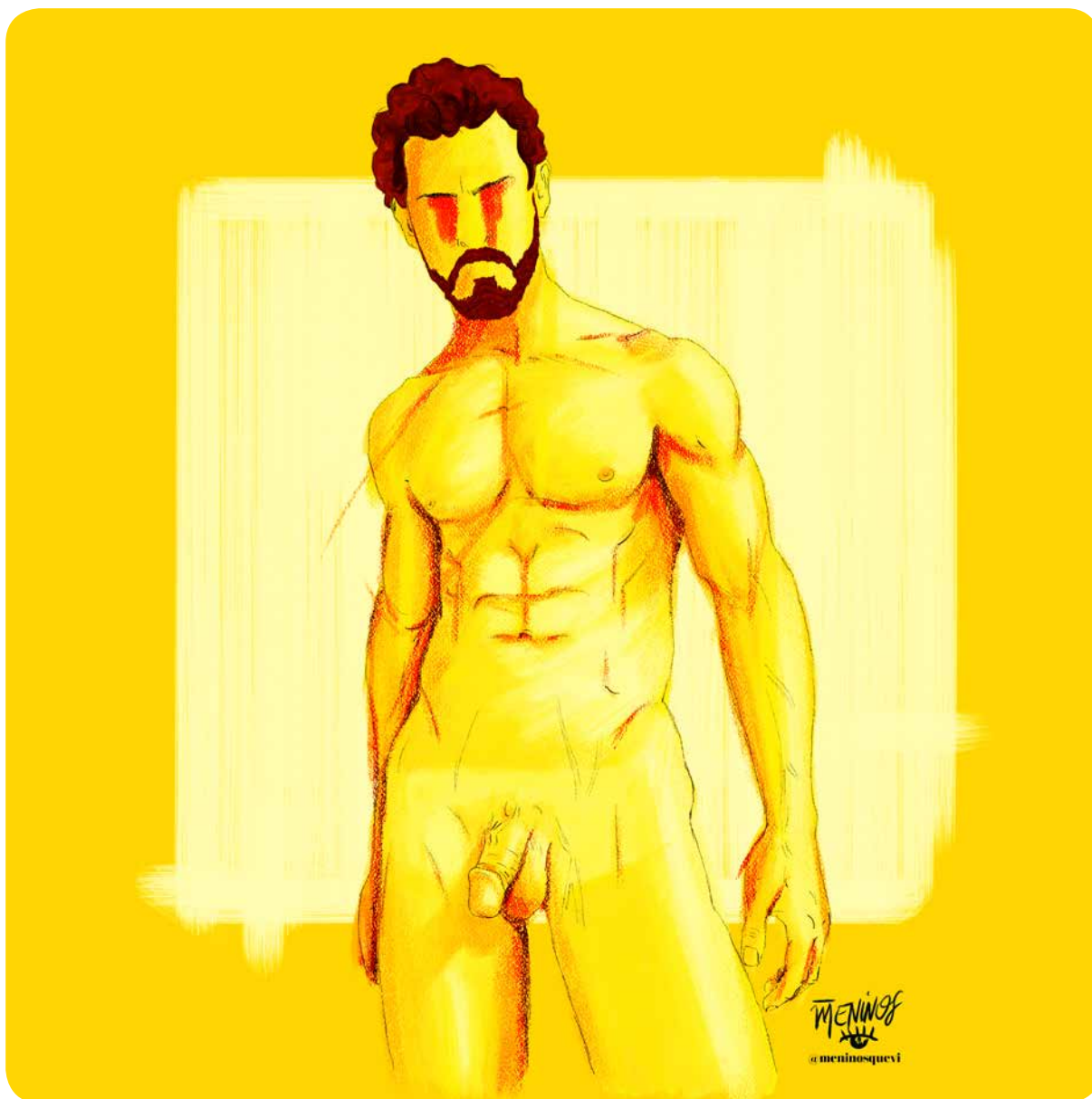
Comecei a postar no Instagram e isso atraiu alguma atenção. Vários caras queriam ser retratados por mim. Neste momento, enxerguei a oportunidade de refletir sobre o registro da nudez masculina que já me incomodava há algum tempo: por que só homens brancos, musculosos e, geralmente, dotados, estavam sendo representados? Por que todos os projetos de nudez masculina continuavam girando em torno do mesmo estereótipo? Passei a entender o projeto como uma chance de representar a diversidade e, assim, desenhei homens gordos, trans, pretos, amarelos, e claro, homens malhados e dotados... Cheguei a ouvir “entrar no MQV é uma chance de se ver através do outro”.



53







A identificação da audiência foi rápida e potente, porém, o algoritmo censor das redes derrubou a conta pela primeira vez. O segundo perfil do projeto teve um bom crescimento orgânico, o que levou Thiago a um novo desdobramento: após publicar uma ilustração inédita por dia ao longo dos 100 primeiros dias da pandemia, decidiu criar a **MQVmag**, uma revista digital que tinha por princípio básico divulgar o trabalho de artistas LGBTQIAP+ que refletissem a nudez masculina. Já na primeira edição conseguiu reunir colaboradores nacionais e internacionais, transitando entre fotografia, ilustração, colagem e texto.



A produção dos “meninos” continuou e, conseqüentemente, o algoritmo derrubou mais uma vez o perfil. Depois de quatro edições da revista, mais de 300 “meninos” e hoje na quarta conta, Thiago decidiu pausar o projeto a partir das mesmas reflexões anteriores:

Será que o MQV se tornou mais um dos projetos que reproduzem apenas a nudez do homem padrão? Ao mesmo tempo em que fui seduzido pelos likes e comentários que os padrões proporcionam, me senti frustrado pelo baixo engajamento em postagens que retratavam qualquer pessoa que não cumprisse o estereótipo. Não me sinto à vontade sendo mais um dentro dessa roda.

Os perfis do MQV continuam ativos com poucas imagens, sendo usados para compartilhar outros projetos, como uma forma de continuar dando espaço para a diversidade e fomentar a produção de arte erótica.

8=D



SEJA MAIS.

**ben
feita
ria**

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

www.benfeitoria.com/falomagazine

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

agradecimento na Falo

PARCEIRO DA FALO

R\$15 / mês

agradecimento na Falo e spoiler por e-mail

VIP DA FALO

R\$20 / mês

agradecimento na Falo e revista bimestral (capa variante) com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

agradecimento na Falo, revista bimestral (capa variante) e revistas especiais com antecedência por e-mail

www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Alexandre Teixeira, Orlando Amorim, Rafael Pentagna, Giovanni Ravasi, Luiz Gustavo Silva, Marcelo Reider, Silvano Albertoni e benfeitores anônimos.



Guilherme Corrêa convida Pedro Moreira

FALÓFORO



Pedro Moreira
07.2020



Foto: Guilherme Corrêa | Modelo: Júlio Lima.



CUECAS



rn

www



SUNGAS

Modelo: Flavio B.

O primeiro a falar

por Filipe Chagas

Laocoonte e seus filhos é uma das esculturas mais importantes na história da arte ocidental. Ela “fala” por si.

A essa altura, você já deve saber que essa é uma revista sobre Arte e Nudez Masculina. Talvez você também saiba que essa é a primeira e única revista científica brasileira a falar sobre esses assuntos combinados*. Mas quem foi o primeiro a escrever sobre isso?

Em meados do século 5 a.C., o grande escultor Policleto (c. 480-420 a.C.) escreveu um tratado sobre as proporções do corpo humano, chamado *Cânone* (palavra que significa simplesmente “regra”). Nele, Policleto estabelece um “realismo ideal” a partir de um sistema matemático para que as estátuas sejam verdadeiramente belas dentro do conceito de *kalokagathia* (o Belo, o Bom e o Virtuoso). Seu tratado foi utilizado por eruditos por muitos séculos, como, por exemplo, o arquiteto romano Vitruvius (c. 80-15 a.C.), que escreveu *De Architectura*, com proporções a serem usadas em construções que derivavam das medidas humanas criadas por Policleto. Foram esses conhecimentos que levaram Leonardo da Vinci (1452-1519) a criar o *Homem Vitruviano* (c. 1490).

Em 1755, o estudioso alemão Johann Joachim Winckelmann (1717-1768) publicou em Roma o texto “Reflexões sobre a imitação de obras gregas na pintura e na escultura”, falando sobre o ensino da arte em geral, onde afirmou:

“[a] maneira de nos tornarmos grandes, talvez inimitável, é imitando os antigos. [...] o que é imitado, se tratado com razão, pode assumir outra natureza, por assim dizer, e tornar-se próprio”.

Neste manifesto, o autor começou a desenvolver seus parâmetros de “nobre simplicidade e grande serenidade” que seriam publicados em 1764 para se contrapor à estética barroca. Em sua obra-prima – *Geschichte der Kunst des Altertums* (“História da Arte na Antiguidade”) –, Winckelmann examinou e descreveu detalhadamente inúmeras obras de arte da Grécia e de Roma, estabelecendo os princípios estéticos e os ideais de beleza clássica que tiveram (e ainda tem) um impacto na arte ocidental. Suas observações e documentações tiveram um papel fundamental na compreensão e na preservação do patrimônio cultural da Antiguidade clássica, tendo sido o primeiro a estabelecer distinções entre os períodos da arte grega, greco-romana e romana. Isso o tornou um dos principais teóricos da estética neoclássica, surgida no século 18. É também amplamente considerado o Pai da Arqueologia e da História da Arte*.

* Confesso que não conheço outra no mundo, mas não serei leviano e narcisista em dizer que a Falo é a primeira e única no mundo!



* Embora não seja considerado um arqueólogo no sentido estrito do termo, Winckelmann contribuiu para o surgimento e o avanço da arqueologia como disciplina. Aqui também vale citar Giorgio Vasari (1511-1574), considerado um dos primeiros historiadores da arte. Vasari baseou-se em documentar a vida dos artistas como base da produção criativa; enquanto Winckelmann sistematizou a compreensão da arte.

O tratado de Winckelmann instituiu uma abordagem sistemática e metodológica ao estudo da arte antiga, que se resume da seguinte maneira:

8=D Estudo das obras originais: enfatizava a importância da observação direta das obras originais sempre que possível. Ele defendia a análise das esculturas e artefatos antigos em sua forma física, a fim de compreender melhor sua estética e significado, ao invés de depender apenas de relatos de terceiros ou de obras de procedência duvidosa (isso se deve ao mercado de falsificações que se desenvolveu no período).

8=D Ênfase na beleza idealizada: acreditava que a arte greco-romana havia alcançado um nível superior, onde o objetivo é a beleza alcançada quando o artista seleciona os fenômenos naturais adequados ao seu propósito e, combinando-os através do exercício de sua imaginação, cria um tipo ideal no qual as proporções são mantidas para manter a harmonia das linhas gerais.

8=D Contexto histórico-cultural: levava em consideração toda a história das obras de arte que analisava, procurando entender as influências culturais e os valores morais que moldaram a arte antiga, relacionando-as às suas análises estéticas.

Mesmo tendo abordado outros meios de expressão artística em seu tratado – mencionando afrescos pompeianos, cerâmicas pintadas e relevos em pedra –, Winckelmann baseou suas análises na escultura – assim como Policleto o fizera – e dedicou um capítulo inteiro à esta linguagem, onde discutiu extensivamente a representação do corpo humano, tanto masculino quanto feminino, concentrando-se nas proporções, nas posturas e expressões faciais. Uma das esculturas que recebeu destaque em suas análises foi o *Antínoo Admirando* (hoje, *Hermes*), cujo “corpo perfeito a própria natureza estaria longe de criar”. Já o *Apolo de Belvedere* põe diante dos nossos olhos “as proporções mais do que humanas de uma bela divindade, algo que mesmo a nossa imaginação não pode superar”.



Acima, o *Antínoo/Hermes*; ao lado, o *Apolo*.



68

Outra escultura mencionada é *Laocoonte e seus filhos*, a qual considerou como um dos mais importantes e expressivos exemplos da arte antiga. Ele admirava a maneira como a escultura retratava emoções humanas intensas, como a angústia, o sofrimento e a expressão de dor dos personagens. Também admirava a composição dinâmica e cheia de tensão do conjunto escultórico. Winckelmann afirmava que a obra exemplificava o domínio da forma humana na arte greco-romana e a capacidade de transmitir emoção e narrativa através da escultura.

Winckelmann se debruçou particularmente sobre a beleza idealizada e a perfeição quase simétrica das estátuas masculinas. Ele procurava a elegância das linhas, a moderação nos detalhes anatômicos e a representação da musculatura de forma equilibrada e realista. Descreveu a estética da masculinidade grega como “nobre e ideal”,

caracterizada por proporções harmônicas e formas atléticas, argumentando que ela era mais do que uma expressão de beleza em si: era um reflexo da ordem divina e do equilíbrio entre a excelência física e a virtude moral.

É preciso apontar que a arte grega clássica frequentemente se concentrava em representar figuras divinas, atletas e heróis, ou seja, modelos exemplares de perfeição. Essas representações privilegiavam os ideais de juventude e vigor atlético em corpos musculosos esculpidos. Portanto, a predominância desses corpos deve ser entendida dentro do contexto da idealização estética e dos valores culturais da época. Embora isso contraste com a diversidade real dos corpos humanos, é importante reconhecer que a arte buscava expressar ideais aspiracionais e simbólicos, ao invés de representar a realidade de forma literal.

O autor ainda alegava que, somente a partir da representação do corpo nu, era possível evocar ideais estéticos e emocionais, sendo a nudez masculina capaz de transmitir sensações de liberdade e heroísmo, contrastando com a nudez feminina, que ele acreditava ser mais sensual e sedutora. Winckelmann acreditava que a observação possibilitada nos ginásios gregos, aliada às condições climáticas favoráveis e aos hábitos da época, teria levado a uma imitação que vai muito além da mera cópia nos exercícios acadêmicos. A partir das numerosas ocasiões de observar a nudez natural, os artistas gregos teriam começado a formar conceitos gerais da beleza autêntica e íntegra presente nas proporções do corpo, com base em um modelo de verdade espiritual ligada não mais ao humano, mas ao divino.

Como um homem gay vivendo em uma época em que a homossexualidade era amplamente reprimida e estigmatizada, é razoável supor que a orientação sexual de Winckelmann tenha influenciado sua análise e apreciação da arte, incluindo sua visão sobre a representação do corpo masculino*. Ele provavelmente encontrou um sentido de identificação pessoal e estético nas representações da beleza masculina na arte greco-romana. No entanto, é importante ressaltar que ele era um estudioso respeitado, cujas contribuições para a história da arte foram baseadas em extensa pesquisa, observação e análise. É crucial evitar reduzir sua análise da arte apenas à sua orientação sexual, pois isso pode minimizar sua importância como historiador.**

Winckelmann é, assim, o primeiro estudioso a abordar a Arte através da Nudez Masculina, indo de proporções anatômicas a significados metafóricos e, a partir de agora, o **Patrono da Falo. 8=D**



Retrato de Johann Joachim Winckelmann, óleo sobre tela de Raphael Mengs, 1755.

69

* No século 18, havia convenções culturais e sociais que restringiam a representação explícita dos genitais em obras de arte. A nudez na arte, tanto masculina quanto feminina, era frequentemente idealizada e apresentada de forma mais abstrata ou sugestiva, em vez de detalhada ou explícita.

** Lamentavelmente, é grande a probabilidade de sua morte ter sido por homofobia, apesar de usarem a versão de latrocínio, ou seja, roubo seguido de homicídio.

AFINAL,
TAMANHO É
DOCUMENTO?

NÃO!

É EU TENHO COMO PROVAR!

Pesquisa sobre a anatomia peniana feita
com a participação de leitores/seguidores,
totalmente ilustrado e bilíngue.

PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com



Contos do Falo

O SENTIDO DO OLFATO

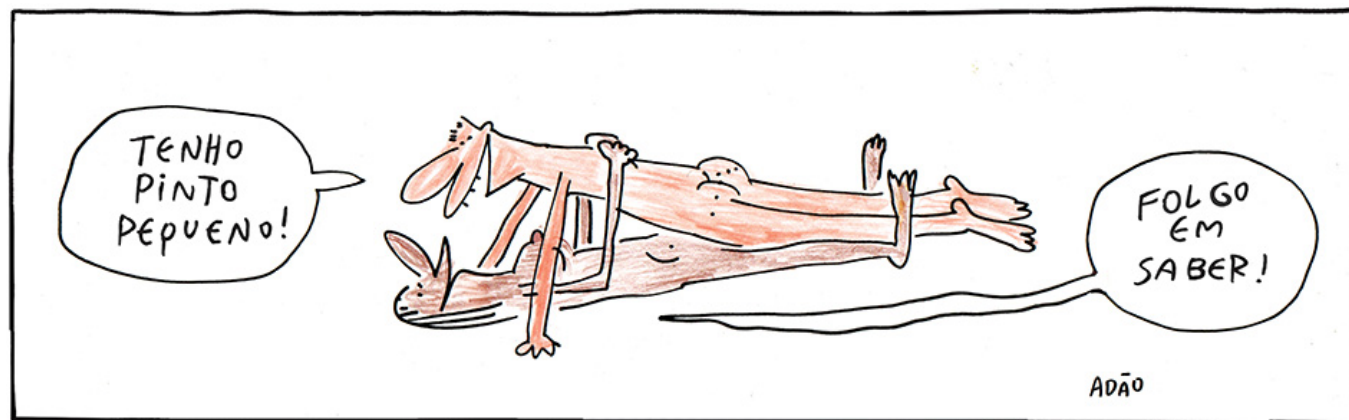
Li em algum lugar que existem pessoas, poucas, com olfato extremamente aguçado para tipos específicos de cheiro: umas sentem cheiro da gosma de baratas em uma cozinha recém-limpa; outras percebem o cheiro que formigas compartilham, aquelas formigas pequenas em filas pilhando açucareiros. Sommeliers e outros profissionais exercitam e desenvolvem esta característica, deixando os simples mortais com olfatos básicos invejosos da percepção de aromas inesperados em uma simples taça de vinho ou uma xícara de café premium.

Meu olfato também é bem apurado e específico: o cheiro de porra. A porra jorrando em jatos, então, me vira pelo avesso; mesmo a porra gotejando devagar, a lubrificação que antecede o endurecimento, a porra seca, a memória de uma porra em uma roupa mal lavada em um banho rápido de chuveiro frio, a porra que sobrou de uma punheta em uma mão que aperta a minha antes de uma reunião de trabalho. Todos estes cheiros me invadem, me tiram do sério, me acompanham. Ninguém sabe disso, nunca contei a ninguém, eu mesmo demorei para perceber o que era, o que me perturbava tanto sem eu identificar a causa, o cheiro que entrava por minhas narinas até meu cérebro-animal sem passar por minha consciência.

A primeira vez que entendi foi muitos anos atrás, em um banheiro de uma academia de ginástica. Cumpri burocraticamente o meu dever, meus abdominais, meus dez minutos de bicicleta ergométrica, supinos e roscas invertidas, a ducha, e estava me vestindo para voltar ao meu expediente de trabalho quando um grupo de jovens suados entrou no vestiário, barulhentos, brincalhões. Enquanto tiravam as roupas, tomavam suas duchas, os corpos nus quase sem pelos, os músculos começando a saltar pelos exercícios, se enxugavam, as pirocas e sacos cuidadosamente limpos e empoados, uma cueca deixada em um banco perto de mim me enfeitiçou: o cheiro. Não resisti, disfarcei, a cueca branca um pouco puída pelo uso logo estava escondida por minha toalha molhada. Saíram como entraram, rápidos, falantes, vivazes, cheirando agora não mais a suor e sim a desodorantes *for men*, a polvilho antisséptico, a perfumes cítricos, voltando para seus trabalhos em lojas, em balcões, em depósitos, em escritórios. O banheiro vazio, eu já vestido, o nó em minha gravata; cheirei a cueca, lambi, guardei cuidadosamente.

Conto as datas, acho que já faz bem uns quarenta anos. Ou quase cinquenta. A academia já não existe mais, eu já não perco mais meu tempo com bicicletas ergométricas, meu joelho sofre com os quilos que acumulei, aqueles garotos já são pais, talvez avós, as faces lisas como pêssegos ganharam rugas e bigodes, os cabelos embranqueceram, rarearam, as barrigas cresceram e as esperanças murcharam. E aquela cueca ainda guardada em uma gaveta com outras relíquias. Depois de tanto tempo assim, o cheiro continua? Meu cético leitor deve me perguntar. Abro a gaveta. Fecho os olhos. Aspiro fundo, seguro o fôlego, deixo o ar circular em meus pulmões e os receptores olfativos transmitirem as sinapses ao cérebro que acorda da modorra de aposentado, se renova em memórias adormecidas, e viajo até um universo onde a vida se forma a cada momento, onde somos todos jovens, onde a potência de um gozo fica preservada e se multiplicando por toda a eternidade.







Orgulho LGBTQIAPN+

Precisamos aprender a conviver melhor com as diferenças entre nós mesmos.

Em 28 de junho, data que marca a Rebelião de Stonewall e dá início às lutas pelos direitos de pessoas LGBTQIAPN+, precisamos refletir: somos iguais, mas com histórias, necessidades e desejos diferentes.

Se você é uma pessoa LGBTQIAPN+, entendeu desde cedo que o mundo te julga mais do que te acolhe. Só que agora, adulto, você precisa parar de repetir para si mesmo toda dor que te causaram no passado.

Ser homossexual é perturbar o status quo. Em teoria, é todo ser que está em desacordo com o “normal”, porém, se afirmar gay, queer, lésbica ou qualquer uma das outras letrinhas – sim, vem crescendo a cada dia e isso não é (ou pelo ao menos não deveria ser) um problema –, faz com que reconheçamos a heterossexualidade como o centro, o que “deveria ser”. Daí a nossa necessidade, ainda que inconsciente, de buscar uma “cura”. Porém, a gente esquece que para se ter heterossexualidade é necessário que haja homossexualidade e vice-versa. Logo, não há cura, não precisa existir cura, a não ser para a ignorância e o preconceito humano.

Enquanto pessoa queer machucada queremos a cura para as dores e traumas que os outros nos causaram, mas o que existe é um estado de cura em constante movimento. Curam-se as feridas de outrora, surgem outras novas. A gente aprende a lidar melhor com a heterocisnormatividade compulsória da sociedade, mas esbarra na homofobia internalizada em nós mesmos. Agora quem me machuca é aquele que eu amo, meus parceiros, meus semelhantes, minha “comunidade”.

Não somos iguais porque somos da mesma “tribo”. Cada um vive sua identidade e sente a própria história de forma singular. Respeitar as diferenças não diz respeito só a quem é diferente da gente, mas a quem é semelhante também.

O mundo já nos agrediu bastante, não precisamos ficar agredindo uns aos outros por acreditar na fantasia que o outro está melhor só por olhar o feed dele no Instagram, como se o outro realmente não pudesse estar melhor que eu ou minha vida. Não só pode, como vai. Em tempos de internet, é fácil se frustrar. Contudo é necessário cada sujeito buscar para si um constante estado de cura, desenvolver inteligência emocional e amadurecer a infância e adolescência vivenciadas sob a pressão de se reconhecer fora da norma.

Já é hora de aprender e admitir o quão frustrante a vida pode ser, seja só porque você é uma pessoa LGBTQIAPN+, seja porque a vida por si só vai nos frustrar.

A HUGE thank you to all of the members of the TSM community I couldn't do this without all of you. Your letting me feature you and your pictures, work with your brands and companies and buying my swimwear designs! This is the start of an amazing dream that I never knew would come true! From the bottom of my heart, to EVERYONE that has touched and been involved with TSM so far, THANK YOU!

—
Cody, Creator of The Speedo Movement

TSM
SWIMWEAR

www



KEEP BODY POSITIVE
AND SPEED-OH ON!

Cody wears swimsuit by @skullandbones_nyc, sunglasses by @jimmytrendy and shows a @cupsandconfetti.

moNumento



Modelo: Marcus Vinicius (autorretrato).





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

